

# “Golpe de Estojo”

Wagner Freitas Correia

## Capítulo 1

### “Volta às aulas”

Tudo é silêncio. Lá está ele, o Estojo, esquecido em um canto da mesa. Quase trinta dias de descanso, férias merecidas, para trabalhadores esforçados, sempre dispostos a cumprir suas tarefas, felizes por serem úteis em todos os momentos de sua jornada.

Ouvem-se ruídos, o Estojo parece que ganha vida e lentamente vai se abrindo, quando menos se espera, de um salto, dele sai um agitado personagem, é Sir Desapontado, um dos nobres do Reino, ele, um reluzente apontador.

- “Ufa”! – exclama ofegante - Já estava ficando enferrujado!

Dá uma espiada dentro do Estojo, eu aproveito para dar uma olhadinha também, que bonito! Vocês precisavam ver, só de olhar dá um soninho! Tomo mundo dormindo, todo um Reino em um profundo e salutar repouso, cada um no seu lugar, na mais perfeita ordem.

Sir Desapontado retira de sua cintura uma corneta e enchendo o peito ele toca, ou melhor, ele faz um estridente barulho, fazendo com que todos os Lápis-de-Cor, assustados, pulem para fora do Estojo, ainda sem entender muito bem o que está acontecendo, confusos como a gente costuma ficar quando nos acordam de repente.

- Vamos logo seus “molengas”! – grita Sir Desapontado – Os nobres daqui a pouco despertarão, parem de “enrolar”, tudo tem que estar pronto a tempo!

Os Lápis-de-Cor começam a se exercitar, esticando pernas e braços. O agitado e atento Sir Desapontado, apressa a todos.

- Deixem essas “frescuras” para depois, vamos!

O lápis azul, parece não estar nem um pouco preocupado.

- Dá um tempo, baixinho, deixa de ser chato, vai ver se estou lá na esquina!

A lápis amarela, corre até Sir Desapontado e o abraça, passando a mão carinhosamente em sua cabeça.

- Não fala assim com o ele, coitadinho!

Desapontado sorri feliz, a lápis rosa, dá logo um chega pra lá na sua “amiga”.

- Até parece que você se importa tanto assim com ele, sua amarelada, você é interesseira isso sim!

- Interesseira, eu?

- Todo mundo sabe que você só faz isso para Sir Desapontado manter sua “pontinha” linda e afiada...

- E isso nem é necessário...– fala Ênegra, a lápis preto –...Sir Desapontado é muito bonzinho e justo, está sempre cuidando das pontas de todos da mesma forma, com o memo carinho e respeito, é besteira querer agradá-lo só por causa disso...

A lápis rosa olha para ela com raiva, e pelo jeito a carapuça serviu para ela, e parece que não vem coisa boa por aí.

- Por que você não fica quietinha no seu canto, Ênegra? Olha só o seu tamanho, menina! Está inteirinha, com certeza nunca foi usada, “cai na real”! Lápis preto não serve para nada, você é a última opção, não serve nem para ser apontada...

Ênegra olha para os lados, todos abaixam a cabeça, ela corre para os braços de seu amigo Verdose, o lápis vermelho.

- Não é verdade, não deixe que ela fale assim de mim Verdose, fale para todos que não sou a última opção!

- “Fica fria”, deixa para lá...ic...não é tão grave assim...ic...você é que costuma ver tudo negro na sua frente, você serve para muita coisa...ic...

Esse lápis está me parecendo um pouco estranho, por que será que soluça tanto?

- Ah é?! E para que ela serve, seu “bêbado”? Vamos lá, me diga...

O que a lápis rosa disse? Um lápis-de-cor, bêbado? Essa eu nunca vi!

Os outros lápis de cor tentam conter o riso, porém eu, cá entre nós, não acho graça nenhuma nessas brincadeiras que humilham aos outros, e pelo jeito aquele jovem que vejo sair naquele exato momento de dentro do Estojo também não pensa do mesmo jeito, ele tem uma coroa sobre a cabeça, será um Rei? Ao perceber que Ênegra está chorando, ele põe as mãos na cintura e fala alto, e bem alto.:

- O que estão fazendo com você, Ênegra?

Todos saltam assustados, começam a correr de um lado para o outro, quando percebem quem gritou, param e suspiram aliviados, o lápis azul vai até o jovem e dá uma tapinha em seu ombro, com intimidade.

- “Ufa”! É só você, Príncipe Negro, pensamos que fosse o Rei!

- Ah!! O Rei, ainda bem que sou “só” eu, um Príncipe, não é mesmo?

- Não foi isso que eu quis dizer...eu...eu...

Salvando o lápis azul do aperto, Sir Desapontado olha o relógio, e volta a ficar agitado.

- Deixa isso para lá pessoal, ao trabalho, está quase na hora de despertarmos os nobres...- o Príncipe Negro o olha bravo – Quero dizer, os “outros” nobres, aqueles que ainda não acordaram...vamos...vamos...

Os Lápis-de-cor correm para trás do estojo e retornam carregando os tronos, o do Rei, da Rainha e dos Príncipes, estendem um grande tapete vermelho, e depois de tudo pronto, ficam lado a lado, em posição de sentido. Sir Desapontado, com grande pompa, dá início a cerimônia.

- Gostaria de dar início à “cerimônia do despertar”, chamando nossa dama-de-companhia, ou melhor, a dama-de-companhia da nossa rainha, ela, a Condessa Retilínea!

A régua sai do estojo e caminha altiva, sem olhar para ninguém, parando ao lado do trono da rainha. Sir Desapontado suspira e continua a convocação.

- E agora, o ilustre conselheiro real, Marquês Alvinho!

O corretivo sai afobado, com uma pasta na mão, tropeça no tapete e deixa cair os óculos; de joelhos, começa a apalpar o chão, todos prendem o riso, até que consegue encontrá-lo, bem perto dos pés do Príncipe Negro, levantando-se apoiado no Príncipe.

- Oh, meus óculos, aqui está, bem pertinho de você, minha querida Ênega, como vai, meu docinho?

Quando põe os óculos e vê que é o Príncipe, dá um pulo e tenta disfarçar.

- Príncipe Negro!! Que bom vê-lo!

O Príncipe pega-o pela orelha e o leva até o lado do trono do rei.

- Vá logo para o seu lugar, Marquês, e já lhe fale para parar com essas gracinhas com as súditas do Reino, tenha respeito rapaz! E desse jeito nunca irá terminar essa “lengalenga”!

- “Lengalenga”? – Marquês Alvinho se espanta – Príncipe Negro, a “cerimônia do despertar” é muito importante! Marca a volta às aulas após as férias de julho, provavelmente nosso último período de trabalho antes da “cerimônia da aposentadoria” no final do ano...

- Eu não vejo nenhuma utilidade nestas cerimônias e minha primeira ação se um dia assumir o trono será acabar com esta “papagaiada”!

- O senhor assumir trono? Ser o Rei?

Marques Alvinho procura conter o riso, enquanto Condessa Retilínea, debochada, vai até o Príncipe Negro pegando-o pela mão, levando-o para o seu trono.

- Minha criança, divertida como sempre, sente-se no seu “lugarzinho” e deixe-nos prosseguir, um Príncipe Negro, rei, essa foi ótima!

Príncipe Negro, solta a mão da Condessa Retilínea, pondo as mãos na cintura, indignado, como eu também fiquei, afinal não se trata um Príncipe desse jeito!

- Posso saber qual foi a graça, Condessa “Magrela”?

- Posso até ser “Magrela”, mas sou “reaproveitável”! Bela como estou, provavelmente serei usada novamente no ano que vem...

- Eu também poderei continuar meu mandato no próximo ano, tenho ainda muita carga!

- É claro que sim! Este é um dos principais motivos porque nunca será Rei. O senhor é uma opção, quase um enfeite no Reino do Estojo, entendeu agora? O Príncipe nem consta na lista de material e ainda sonha em ser rei? Oh, que absurdo!

- Escute aqui sua régua...eu...

Sir Desapontado interrompe a discussão quando percebendo que as coisas estavam “esquentando”, além, é claro de estarem atrasados para a Cerimônia.

- Bem, dando continuidade a nossa cerimônia, chamo nossos Príncipes, filhos ilustres de nossos Reis, Príncipe Grafiteê e a Princesa Eternita!

Do estojo saem os filhos do rei, a Princesa nem dá “bola” para os demais, caminhando displicentemente, enquanto isso, Príncipe Grafiteê, cumprimenta a todos. Eles sentam-se em seus tronos, o “princezinho” está preocupado.

- Tudo pronto para o reinício dos trabalhos? Espero que sim, não quero que “papi” têm um “chilique” ...

Sua irmã, a Princesa Eternita olha-o e não perde a chance de provocá-lo, afinal de contas, irmãos são sempre irmãos, filhos de reis ou não.

- Eu não teria tanta pressa, “maninho”, do tamanho que você está, sinto dizer que não vai durar mais um mês! Que bom, quem sabe assim ganharei um irmão mais inteligente, não um lápis que erre tanto...

- Eu que erro? – Príncipe Grafiteê, nervoso - Sua recalcada! Não sou eu e sim aquele “moleque”, e o pior, vive deixando que eu caia no chão! Assim não há ponta que aguento!

Em um primeiro momento um silêncio total, depois, os lápis de cor, que daqui para frente eu chamarei de “Os Lápis”, porque estão sempre juntos, ficam horrorizados e exclamam ao mesmo tempo:

- Ohhhh!!!

- Blasfêmia!! – grita, Condessa Retilínea, indignada.

“Os Lápis” não se conformam e fazem coro:

- Chamou “deus” de “moleque”!

Sir Desapontado preocupado com a reação dos outros, vai em socorro do Príncipe Grafiteê, ajudado por Verdose.

- Quietos, todos quietos!

- Deixa o “cara”...ic...seus “chatos”...

Sir Desapontado chega bem perto do Príncipe Grafiteê e o aconselha, como, um grande amigo que é de todos:

- Alteza, não pode falar assim de “deus”, ainda mais na frente de todos... “deus” nunca erra, somos nós que erramos, imagine se seus pais estivessem aqui, “secaria” sua mãe de desgosto!

Príncipe Grafiteê abaixa a cabeça, envergonhado, sabia que estava errado e é por isso que temos que tomar cuidado como o que falamos quando estamos nervosos, acabamos magoando as pessoas, mesmo sem querer.

- Eu sei...desculpe...

- Ahhh...deixa para lá, Sir Desapontado, ele estava só brincando – Príncipe Negro, interfere - E ninguém aqui ouviu nada, não é verdade? - olha de forma ameaçadora para todos - Não é mesmo Condessa “Reaproveitável”? Fofoqueira-chefe do reino...

- Eu? Fofoqueira??

- Já chega gente! – Princesa Eternita interrompe - Vamos Sir Desapontado, traga logo meus pais, temos que terminar a Cerimônia do Despertar...

- Claro, Princesa Eternita, claro, e agora os nossos bondosos, inteligentes, justos, bonitos e veneráveis soberanos, Rei Azulis e a Rainha Vermelha...

Sir Desapontado faz uma grande reverência, todos o imitam, apenas o Príncipe Negro faz de má-vontade. Os Reis saem do Estojo. Rei Azulis, caminha na frente da Rainha, pomposo, sem olhar para ninguém, altivo, enquanto a Rainha Vermelha, com passos tímidos, cabisbaixa, cumprimenta a todos, discretamente. Ela senta-se ao trono, e o Rei, de pé, fixa a todos, que estão em silêncio, com medo, esperando que o Rei Azulis inicie seu discurso, que nem sempre traz boas notícias para seus súditos, apenas o Príncipe Negro parece não o temer, encarando, desafiador.

Rei Azulis anda silenciosamente de um lado para o outro e quando menos se espera, sua voz soa alto, como um trovão!

- Meus “queridos” súditos! É com satisfação que venho decretar e anunciar a volta ao trabalho! - Faz uma pequena pausa, todos se encolhem de medo - Acabaram as férias seus “molengas”!

Os lápis-de-cor ficam em posição de sentido, eu nunca tinha visto em um reino, súditos, terem tanto medo do seu próprio Rei, bem, pensando no Príncipe Negro, é certo dizer quase todos.

Rei Azulis continua seu discurso, satisfeito por ver o efeito de suas palavras:

- Amanhã, como todos sabem, será realizada a vistoria oficial e quem estiver gasto demais, quebrado ou com qualquer outro defeito será, sem dó e piedade, condenado ao “abismo”!

- Ohhhh!!! – exclamam “Os Lápis”, recuando assustados.

Princesa Eternita, meigamente, pergunta a Rei Azulis:

- Todos, papai?

- Menos você é claro, minha querida! Você é recarregável, esqueceu? Terá ainda por muito tempo um lugar no Reino do Estojo!

O Príncipe Grafiteê, levanta-se e corre até ele, saltitando e batendo palmas, feliz:

- E eu “papi”? Eu também terei?

O Rei muda de atitude, põe as mãos na cintura e responde, bravo:

- Você, seu “toco” de gente? Você é a vergonha da família real! Se “deus” quiser, ainda este ano terei outro filho, não um “quebra-pontas” como você!

Príncipe Grafiteê corre e abraça a mãe.

- Mamãe, não deixe que me troquem...

- Azulis, não fale assim! Nosso filho é tão esforçado, ele não tem culpa...

- Cale-se, Vermelhosa! – grita o Rei, nervoso - É por causa de seus mimos que ele ficou assim, qualquer coisa já perde a ponta! Olhe para ele! Um toco de lápis chorão...

Rainha Vermelhosa fica triste e envergonhada, ela ama seu filho. Todos olham penalizados, não é bonito uma família brigar, ainda mais na frente dos outros, ainda mais quando se trata de um Rei e de uma Rainha.

- Afinal o que vocês estão esperando? – volta a gritar o Rei - Vão se preparar, amanhã quero todos impecáveis! Logo “deus” irá nos procurar e tudo tem que estar perfeito como sempre, declaro encerrada a “cerimônia do despertar”!

- Que não deveria nem ter começado. – diz o Príncipe Negro, tranqüilamente.

- Ohhhhh! – “Os Lápis” recuam assustados esperando a reação do rei.

Rei Azulis caminha até o Príncipe, anda à sua volta, ameaçador.

- Sabe, estive pensando...

Príncipe Negro coloca a mão na frente do nariz.

- É percebi pelo cheiro...

Ênegra não consegue conter o riso, o Rei Azulis a olha tão bravo, que ela abaixa a cabeça, tremendo como uma “vara-verde”.

- Como eu ia dizendo, acho que o Reino do Estojo está ficando muito apertado, se sobrasse mais espaço, poderíamos viver com mais conforto...

- Deve ser a sua maldade que está ocupando muito espaço.

O Príncipe Negro realmente não tem medo do Rei Azulis, mas os outros sabem o quanto ele é rigoroso e as vezes, até mesmo maldoso, quando alguém não concorda com ele.

- Maldade? Que injustiça, “irmãozinho”! Eu sou justo, isso sim! E para comandar estes “debilóides” e agradar a “deus”, tenho que ter pulso firme, nosso reino precisa de mais conforto, está muito apertado e vou usar toda minha influência junto a “deus” para eliminar aqueles que não são necessários no Reino do Estojo.

Ele olha sorrindo maldosamente para o Príncipe Negro.

- Eu não tenho medo de você Azulis! Também faço parte da família real, sou um Príncipe, somos irmãos, fomos fabricados no mesmo lugar, tenho os meus direitos!

- Pode ser... - anda devagar em direção à Énegra, todos os outros se afastam, ele fica bem próximo da pobrezinha - posso ser obrigado a suportá-lo, por enquanto, mas a este lápis preto não!

Énegra solta um grito e cai de joelhos, o Príncipe Negro corre e fica no meio dos dois, altivo, pronto para defender sua amiga.

- Não ouse tocá-la!

- Eu faço o que quero! Eu sou o rei! Você pode ser meu irmão, mas é um imprestável! Isso mesmo, vocês de cor preta não prestam para nada, são “opcionais”, ficam sempre jogados em um canto do estojo, nunca são lembrados...

- Mas querido! – diz timidamente a Rainha Vermelha - Se “deus” os tem, é porque eles têm utilidade, tanto quanto qualquer um no Reino do Estojo...

- Ora, Vermelha! Lá vem você com essa mania de corrigir tudo, e é só para isso que você serve também...corrigir...

Príncipe Grafiteê corre e abraça a mãe, protegendo-a da grosseria do pai.

- É claro, “papi”, ”deus” tem a todos nós exatamente por isso! Cada um serve para alguma coisa...

- CALE-SE, “TOCO DE LAPIS”! – grita tão alto que “Os Lápis” caem no chão - Cale-se ou mando apagá-lo de vez! – olha em volta - Falando nisso, onde está Sir Borrarento?

Sir Desapontado vai até o Rei Azulis, faz uma reverência e diz baixinho, com medo:

- O senhor majestade, achei melhor deixá-lo descansando mais um pouco...

- Eu até entendo...- Rei Azulis solta um longo suspiro – Só que não adianta, temos que chamá-lo!

Sir Desapontado dá de ombros, todos os outros respiram fundo, mais por que será que ninguém quer que esse Sir Borrarento desperte? Afinal ele é um nobre, e quem não erra? Uma borracha no Reino do Estojo é de fundamental importância!

- Sir Borrarento! Acorde! Sir Borrarento!

Sir Desapontado põe a cabeça dentro do Estojo, logo recuando assustado quando percebe um movimento. Sir Borrarento, com dificuldade consegue sair e mesmo sem falar com ninguém já começa a reclamar:

- Que “droga”, que “porcaria”, já acabaram as férias? Vai começar tudo de novo? Não aguento mais, é sempre a mesma coisa: apaga, esfrega, apaga, esfrega, e



quando “deus” me “baba” todo para apagar tinta? Que nojo! Apagar caneta é um nojo!  
Você não concorda, Verdose?

- Eu acho...ic... que você é “mala” demais...ic...e daquelas sem alça...

- Estão vendo? Ainda por cima não me respeitam, sou o que mais trabalha neste Reino, apagando o “cocô” de vocês...eu...

- SIR BORRAGENTO!!!

Todos gritam ao mesmo tempo, ele ameaça falar, mas desiste. Agora deu para entender porque ninguém queria que ele acordasse. É muito chato a gente ter alguém reclamando o tempo todo do nosso lado.

- Agora seus inúteis, se prepararem para a vistoria oficial de amanhã – Rei Azulis olha em especial para Ênega – Finalmente vai sobrar lugar no Reino do Estojo – Solta uma gargalhada, ela se esconde atrás do Príncipe Negro – Vamos, Vermelha...vamos...

Ele sai batendo os pés no chão, a Rainha o segue timidamente, os demais ficam em silêncio, preocupados. Por mais que se cuidem, uma vistoria oficial pode mudar o destino de qualquer um do Reino do Estojo.

Mas, aqui entre nós, afinal de contas o que é uma “Vistoria Oficial”?

## Capítulo 2

### “A Trama”

Antes de descobrir o que é uma “vistoria oficial”, é melhor ver porque Rei Azulis, anda de um lado ao outro impaciente, parece que algo o preocupa, de repente surge Marques Alvinho, apressado:

- Majestade...- faz uma reverência - Queria falar comigo?
- Xiiiiiu... fale baixo, meu caro Alvinho...
- “Meu caro”? Está tudo bem Alteza?
- Estou muito preocupado, o Reino do Estojo corre perigo!

Rei Azulis sussurra, faz ar de mistério. O que será afinal que pode por em risco um Reino tão pacífico como o do Estojo?

- Mas, que perigo é esse, Rei Azulis?
- Você ainda não percebeu?
- O que, majestade? Não vejo nada!

Marquês Alvinho olha para todos os lados, assustado.

- Querem tirar a minha coroa!
- Sério? Mas, quem estaria interessado na Rainha Vermelhosa?
- Do que você está falando?
- Ora! O senhor disse que querem tirar a “coroa”!

Rei Azulis respira fundo, tenta controlar sua natural impaciência.

- Minha esposa não, Marquês Alvinho, essa coroa - aponta para a coroa em sua cabeça

- Ahhh! Querem roubar sua coroa! Aposto que é aquele bêbado do Verdose, mas, onde ele iria vender?

- Ai “meu deus”, em que loja o senhor foi arranjar estes meus súditos?

- Ora, majestade! Na loja de um e noventa e nove é claro, o senhor sabe, o custo de vida....

- CHEGA!! – Rei Azulis grita irritado, olhando para os lados, preocupado que alguém tenha ouvido - Tente entender, concentre-se, querem tomar o reino, querem me tirar de rei, estão planejando um “golpe de estojo”!

- Um golpe? Quem teria coragem? Todos morrem de medo do senhor, todos menos, menos...não acredito, não pode ser!

- Ele mesmo, meu irmão, meu próprio irmão, o Príncipe Negro!

O Príncipe Negro quer tirar o Rei Azulis do poder? Está planejando um golpe? Pobre Rei, sendo traído pelo seu próprio irmão!

- Não é possível! – Marquês Alvinho também não acredita - Ele é tão bonzinho, todos gostam muito dele, vive ajudando todo mundo, nunca deu trabalho a ninguém, eu mesmo até hoje nunca gastei uma gotinha sequer com ele!

- Por isso mesmo! Todos o amam, mas a mim...- leva a mão aos olhos, emocionado - Me odeiam, querem me derrubar, ele e aquela Énegra, você não percebe? São os de cor preta! Eles têm inveja de todos nós, só porque não prestam para nada, só porque são opcionais, querem tomar o poder a força, querem secar minha nobre tinta azul!

A segunda coisa seguida difícil de acreditar, o Rei Azulis emocionado desse jeito? “Choramando”? Afinal ele não deve ser tão mau como parece! Marquês Alvinho fica solidário ao seu Rei.

- Rei Azulis, isso é terrível! Deixe que eu falo com o Príncipe Negro, tenho certeza que posso fazer com que desista, não tenha medo...

- Medo daquele “pretinho”? Eu, um puro representante da nobreza, sangue azul, não tenho medo de nada e nem de ninguém...eu...- O Rei percebe que Marquês Alvinho está assustado com aquela mudança repentina de humor. Respira fundo e volta a falar “mansinho” – Desculpe, “meu amigo”, desculpe, é que estou nervoso, temo por você, pela rainha, pelos meus filhos, não sei do que são capazes aqueles dois para conseguirem o que querem...

- Eu entendo, meu Rei, eu entendo, então o que podemos fazer?

- Tenho uma ideia, mas vou precisar que me ajude...

- Pode contar comigo, Majestade, vou chamar os outros e salvaremos o Reino do Estojo!

Quando vai sair correndo Rei Azulis o agarra pela gola.

- Espere! Eu ainda não sei em quem posso confiar, não sei quem o está ajudando, confio só em você, meu fiel conselheiro!

Marquês Alvinho, enche o peito, orgulhoso, ele é o homem de confiança do Rei, considera isso muito importante, a coisa mais importante do mundo.

- Obrigado, majestade, disponha de mim para o que precisar!

- Eu tenho um plano para desmascarar aquele traidor, e assim cortar o mal pela raiz, fico triste porque é meu irmão, mas acima de tudo está a segurança de vocês e do Reino do Estojo! – aumenta o ar de mistério, fica bem próximo do Marquês – só que você terá que ter muita coragem, arriscar sua própria vida pelo Reino – Rei Azulis se afasta pensativo – Não! Desculpe, não posso exigir isso de você, não posso querer que se sacrifique, não posso...

Marquês Alvinho corre até ele, enche o peito e ergue a cabeça, altivo.

- Estou pronto, Rei Azulis! Sou muito corajoso e troco minha vida se preciso for pela felicidade do meu Rei e do Reino do Estojo!

- Oh, Alvinho, estou emocionado! Preste então bastante atenção, temos pouco tempo, o Príncipe Negro deve estar dormindo agora, você tem que ir até lá e pingar uma gotinha sua em seu bico...

- Mas ele pode secar!

- Sim, e amanhã, na vistoria oficial, mesmo sendo um nobre, será condenado ao “abismo”, com ele fora daqui os outros não terão coragem de fazer mais nada!

Marquês Alvinho fica pensativo, realmente sua vida estava em jogo, se alguém ou, principalmente, o Príncipe Negro despertasse e o visse seria exigida sua condenação, por atentar contra a vida de um súdito do Reino e o pior, um membro da família real! Mas, acima de tudo ele ama ao seu Rei, e tudo fará por ele, tudo!

- Eu aceito, Majestade!

- Isso!! – O Rei grita de alegria, mas disfarça rapidamente – Eu sabia que podia contar com você!

- Deixa comigo, “parceiro”! – dá uma tapinha com intimidade no ombro do Rei Azulis, que o olha tão bravo, que ele rápido se afasta, fazendo uma reverência – sim, majestade, vou agora mesmo...

Faz outra reverência e corre para cumprir sua missão. Até agora não dá para acreditar que o Príncipe Negro quer tirar o poder do seu próprio irmão. Rei Azulis caminha lentamente, e de repente, solta uma sonora gargalhada, seus olhos brilham de satisfação e seu sorriso é maldoso

- Tolos, estou cercado de tolos, eu sou um gênio...um gênio!

Algo me diz que o Reino do Estojo corre realmente um grande perigo, e talvez o único capaz de salvá-lo seja o mesmo que agora, neste momento, está sendo vítima de um cruel monarca, ou estarei enganado? Contam-se as horas para a “Vistoria Oficial”, espere aí, de novo está Vistoria Oficial? Mas o que é isso afinal?

### Capítulo 3

#### “A Vistoria Oficial”

O dia já vai amanhecer. Dia importante no Reino do Estojo, dia de “Vistoria Oficial”. O silêncio ainda é total, mas, como certeza, ninguém teve um sono tranqüilo, a expectativa é muito grande e aquele “friozinho na barriga”, normal quando algo de novo ou importante está para acontecer, deve ter sido companheiro da maioria dos súditos.

Espere aí! Quem é aquele, que na penumbra, surge cambaleando? Apoiando-se para não cair? É o Príncipe Negro! Ele caminha mais um pouco e não resistindo, cai de joelhos, fraco, doente. Alguém precisa ajudá-lo, mas quem?

- Príncipe Negro! O que houve? Está tudo bem?

Énegra! Ainda bem, uma pessoa amiga.

- Estou falhando – o Príncipe quase não consegue falar – Estou secando, não sei porque, mas estou secando...

Príncipe Negro pode não saber, mas com certeza Marquês Alvinho teve sucesso em sua missão.

- Não pode ser! – Énegra se desespera - O senhor ainda tem muita carga, para falar a verdade, acho que toda carga...

- Deve ser por isso...ai...falta de uso...

- Daqui a pouco é a Vistoria Oficial, o senhor tem que reagir!

- Não adianta...- O Príncipe está cada vez mais fraco -Acho que é o meu fim...desculpe deixa-la sozinha...meu irmão...ele é um tirano...cuidado...

- Espere, vou buscar ajuda, aguarde mais um pouco, já volto, aguarde por favor!

Sai correndo, Príncipe Negro respira com dificuldade. Rápido, Énegra, voe, a vida dele está em suas mãos.

- Lá está ele...rápido...

Ela voltou, trouxe ajuda, Verdose, Sir Desapontado, Sir Borrarento e... opa...Marquês Alvinho?

- Príncipe! – Sir Desapontado ajoelha-se ao seu lado, ele geme, está desmaiado – Acorde, Príncipe Negro, acorde...

O Príncipe consegue abrir os olhos.

- Desistam amigos, é tarde, vou secar...

- Que “droga”, que azar! – Sir Borrarento não se conforma - Logo o Príncipe Negro! O “cara” mais legal desta “porcaria” de Reino, nunca me deu trabalho...

Marquês Alvinho chega perto dele, finge examiná-lo.

- Nada mais podemos fazer, ele já está praticamente seco e falta tão pouco tempo para a vitória, que pena!

Énegra se desespera e abraça o Príncipe.

- Nãããã! Não pode ser, tem que ter um jeito de salvá-lo!

Sir Desapontado abaixa a cabeça, triste, tenta não chorar, o Príncipe Negro sempre foi seu grande amigo.

- Infelizmente acho que o Marquês tem razão, só “deus” poderá ajuda-lo agora!

- Se “deus” pode...ic...nós também podemos...ic...

- Não fale besteira, Verdose! – Marquês Alvinho exclama – Ninguém poderá ajudá-lo!

Verdose vai até o Marquês e o olha desconfiado.

- Não sei porque “branquelo”, mas eu não vou com a tua “cara”... ic...como eu dizia, acho que tem um jeito sim...ic...só que alguém vai ter que dar um pulinho...ic...no “abismo”...

- No abismo? – Énegra fica assustada - Aí “meu deus”!

- Estão vendo? Esse “cara” é louco! – o Marquês Alvinho começa a ficar preocupado, afinal, quem deve, teme!

- Louco ou não vamos ouvi-lo! – Sir Borrarento vai até Verdose – Diga lá meu amigo, que ideia louca é essa?

- Venham aqui amigos – Eles se reúnem em círculo - Façamos o que “deus” faria...

Verdose começa a explicar seu plano, Marquês Alvinho disfarça e sai de “fininho”, onde será que ele vai? Pergunta boba, com certeza vai correndo contar tudo ao Rei Azulis. Sir Borrarento dá uma “tapinha” nas costas de Verdose.

- Olha, de tão louca, é capaz dessa ideia funcionar!

- Bem – Sir Desapontado suspira - Seja o que “deus” quiser, vamos ao abismo!

- Precisamos de uma corda! Que “droga”, onde arranjáramos uma? É muito azar, vai ser difícil!

- Eu sei onde tem uma, Sir Borrarento! – Énegra sai correndo - Vi um pedaço de barbante no canto da mesa, já volto!

Sir Desapontado examina o Príncipe Negro, ele mal respira.

- Está quase na hora da Vitória Oficial, será que conseguiremos?

- Vamos tentar...ic...vai dar certo...ic...esperem aí! Cadê o “branquelo”?

- Se mandou! – Sir Desapontado olha em volta - Deve estar com medo...

- Não sei não...ic...este cara não me engana, deve estar aprontando alguma...

Énegra chega correndo, ofegante, com o barbante.

- Achei e agora?

- Bem, agora...ic...precisamos de um voluntário para descer no abismo!

Todos ficam em silêncio, Énegra se decide, como é corajosa essa menina!

- Eu vou! Eu desço, pelo nosso amigo eu faço tudo!

Sir Borrarento pega o barbante da mão de Énegra.

- De jeito nenhum, eu vou! É muito perigoso!

É a vez de Verdose pegar o barbante.

- É ruim, “cara”! Gordinho do jeito que é, não a corda que aguenta...ic...só com um guindaste, eu “encaro” essa, deixa comigo”!

- Verdose, bêbado do jeito que você está vai acabar dormindo lá dentro! Nenhum dos três pode ir e agora? – Sir Desapontado olha à sua volta, todos estão olhando para ele – Por que estão me olhando? Esperem aí! – eles o agarram e amarram o barbante em sua cintura – Eu não posso...eu...eu...

Sir Borrarento vai puxando-o até a beira do abismo.

- Você vai e pronto, ou prefere que o Príncipe Negro seja expulso do nosso Reino?

Ele para de se debater, se enche de coragem.

- Sim, eu vou! Farei tudo pelo nosso amigo!

- É assim que se fala Sir Desapontado! – Sir Borrarento o abraça – Énegra fique com o Príncipe, vamos companheiros, ao abismo!

Todos caminham, fortes e corajosos, até o “abismo”, chegam até a borda da mesa e olham para baixo. Lá está ele, escuro, assustador, o pesadelo de todos do Reino do Estojo, o grande, o enorme, dominador: CESTO DO LIXO!

Sir Desapontado engole em seco, sua coragem desaparece como fumaça.

- Amigos, não seria melhor se...

Verdose, assoviando, vai até ele, põe a mão no seu ombro e sorri de tal forma que não restam dúvidas.

- Não! Espere Verdose, espere...naaaaão!

Com um simples “empurrãozinho” lá vai ele, de encontro ao desconhecido. Os outros rapidamente seguram a corda e tentam enxergar o que se passa lá embaixo. Sir Desapontado grita assustado, também não é para menos!

- Socorro!!!

Sir Borrarento estica o pescoço o máximo que pode.

- Pare de gritar como uma “régua rachada” e procure logo o que precisamos!

- Já vou, baixem mais um pouco, só mais um pouco... aí... isso gruda...

- Achou? Podemos... ic... puxar?

- Achei foi um chiclete... “argh”... e o pior, de hortelã, detesto hortelã!

Esperem...achei um!

Sir Borrarento, suando as “bicas”, grita:

- Podemos puxar? Se não daqui a pouco serão dois que precisarão ser salvos!

- Podem, não, esperem, está cheio de “meleca”, que nojo! Agora sim, achei!!!  
Puxem, podem puxar!

Eles com muito esforço conseguem puxá-lo, Sir Desapontado surge com uma enorme bola de papel, Verdose e Sir Borrarento caem no chão, exaustos.

- “Caramba”... ic... está na hora deste rapaz fazer um regime, está apontando lápis demais! Então? É quentinho...ic...lá embaixo?

- Quente? – Sir Desapontado passa a mão na roupa, limpando-se - É “sujão”, isso sim! Devia ser chamado de “chiqueiro” e não de “abismo”!

Sir Borrarento, já recuperado, pega a bola de papel e começa a caminhar de volta.

- Será que os “cavalheiros” não poderiam deixar o namoro para depois? Nosso tempo está se esgotando...

Verdose dá um abraço e um beijo no rosto de Sir Desapontado.

- É que eu adoro... ic... esse “baixinho”!

- “Sai pra lá, jacaré”, parece que bebe!

- Euuuu? “Tá brincando”... ic...

Eles correm de volta até onde estão o Príncipe e Ênegra, ao chegar, eles pegam a folha de papel e a desembrulham, esticando no chão o máximo possível. O que farão afinal? Até agora não deu para entender, como uma folha de papel esticada sobre a mesa poderá salvar Príncipe Negro! Verdose e Sir Borrarento, seguram cada um em um braço do Príncipe Negro o ajudando a levantar.

- “Se liga”, majestade...ic...o senhor vai ter que dar uma “forcinha” para nós...

- Não adianta, estou fraco demais, é o fim...

- Príncipe nos ajude! Parece eu, só reclama! – Sir Borrarento tenta animá-lo – Não desista, lute!

- É isso aí “realeza”... ic... levanta o “bico” e vamos lá, falando nisso o que é isso na sua ponta? Uma “manchinha” branca!

Sir Borrarento chega bem perto para ver.

- É corretivo!

- Eu sabia... ic... que aquele “branquelo” tinha aprontado alguma!

- Agora não importa – Sir Borrarento apressa-os - Vamos majestade, reúna todas suas forças e nos ajude, quem nos defenderá daquele tirano? Que defenderá Ênegra da ira do seu irmão?

Príncipe Negro olha para seus amigos. Sim, eles precisavam dele, ele era útil. Era a única voz com coragem de se erguer contra a maldade do Rei Azulis. Eles precisavam dele, tinha que reagir. Ergue a cabeça com determinação e retira do seu interior, toda a força que ainda lhe resta.

- Sim, meus amigos, vamos tentar...vamos...



Segurando Príncipe Negro pelos braços eles começam a correr sobre o papel, Sir Desapontado e Ênegra torcem, os incentivam.

- Será que vai dar certo, Ênegra?

- Vai sim, sir Desapontado, já vi “deus” ressuscitar muita gente deste jeito, tenho fé, vamos conseguir! Temos que esquentá-lo, é sua única chance!

Eles continuam correndo sobre o papel, cada vez mais rápido. Agora deu para entender, é claro, como se faz uma caneta pegar quando está falhando? Príncipe Negro não desiste, todos incentivam, aos poucos alguns traços vão surgindo no papel, eles se empolgam. Começam a correr em círculos, os traços ficam mais fortes e de repente, Príncipe Negro se solta e começa a correr sozinho, rápido, “pegando”, ergue os braços:

- Conseguimos!! Estou funcionando novamente!

Sir Borrarento cai sentado no chão, suando por todos os lados, ofegante, não consegue nem falar, Verdose gira sozinho de um lado para o outro, tonto:

- “Caramba”! Está tudo rodando... ic... quer dizer, rodando mais que o normal...

Príncipe Negro vai até eles e abraça um por um.

- Amigos, não sei como agradecer vocês salvaram minha vida!

Sir Desapontado corre até onde está o papel.

- Depois, meu Príncipe, agora temos que nos livrar disso!

Ajudado por Sir Borrarento e pelo Príncipe Negro, voltam a amassar a folha e a levam de volta até o “abismo”. Verdose ainda meio tonto, está preocupado.

- Acho que corri demais, vejam, minha ponta está toda gasta!

- Deixa comigo – Sir Desapontado vai até ele – Vou deixa-lo novinho em folha, rapidinho...

Ouvem-se vozes e barulho de passos.

- Não temos mais tempo...

Foi só o que Ênegra conseguiu dizer antes que todos os outros, agitados e temerosos chegassem. Sir Desapontado, cumprindo suas obrigações, toca a corneta, estridente, desafinado. Realmente preciso confessar, muito difícil de suportar. Todos se perfilam rapidamente, “Os Lápis”, atrás junto com Verdose e Ênegra. Na frente os nobres, Sir Desapontado, Sir Borrarento, Marquês Alvinho e Condessa Retilínea.

Marquês Alvinho olha assustado ao ver Príncipe Negro firme e forte. Por último surge a família Real, e ficam de pé ao lado do trono. Finalmente vai começar a famosa, e para nós, ainda desconhecida, “Vistoria Oficial”.

Rei Azulis, em traje de gala, sorri, triunfante, feliz por ver os olhinhos assustados da maioria ali presente concentrados nele.

- Tremam todos! Dou início agora a “Vistoria Oficial”! “deus” espera muito de nós e não perderei a ninguém que não esteja à sua altura!

Rei Azulis começa a examinar a todos detalhadamente, um por um, procurando falhas os desleixos, ansioso para encontrar algo errado e descarregar sua raiva.

A primeira é a Rainha Vermelha, que treme de medo, pois, mesmo sendo sua esposa, ela sabe que ele não pensará duas vezes para indicá-la para o “abismo”.

Depois é a vez da Princesa Eterna, ele a beija na face, orgulhoso. Quando chega a vez do Príncipe Grafite, que sempre deseja agradar ao pai, ansioso por sua aprovação, o Rei balança a cabeça desconsolado, deixando o Príncipezinho triste, desanimado.

Na sequência, Rei Azulis caminha lentamente até onde está o Príncipe Negro, para bem próximo a ele, que não se intimida, encara-o também corajosamente.

- Aparentemente está em ótima forma, “irmãozinho”!

- Em excelente forma “majestade”, apesar de saber que isso pode ser “surpresa” para algumas pessoas que prefeririam me ver “seco”, sinto muito deixá-los tristes e decepcionados...

- Quanto a isso não precisa se preocupar “maninho”, inúteis do jeito que são, os de cor preta só secam se for por falta de uso!

Vira-se sem esperar resposta, lentamente continua a vistoria a todos, passa pelo Marquês Alvinho, rodeia Sir Borrarento para ver se suas bordas estão gastas, vai até a Condessa Retilínea e examina os seus números e seus “tracinhos”, afinal de contas, “deus”, não pode errar nas medidas! Confere se Sir Desapontado está bem afiado. Passa por todos “Os Lápis”, olhando suas pontas e se estão limpinhos, deixando para o final Énegra e Verdosa. Para em frente de Énegra e sem mesmo examiná-la, decreta, com sua voz de trovão:

- Todos sabem que detenho o poder de mandar qualquer um ao “abismo”, desde que, não apresente mais condições de uso ou que esteja atrapalhando o desempenho de nossas tarefas de auxiliar a “deus”...

- Desde que a nobreza, através do voto, concorde...

- Obrigado por me “corrigir”, Vermelha, mas como sou eu quem decide quem vai para julgamento, eu indico esta inútil de cor preta, por estar ocupando um espaço desnecessário no Reino do Estojo ao abismo!

- Ohhhhh!!! – Exclamam horrorizados “Os Lápis”

Énegra solta um grito e esconde o rosto entre as mãos, Príncipe Negro ameaça intervir:

- Isso é um absurdo!! Uma injustiça!

- É a lei, infelizmente o Rei tem este direito...

- Agora sim, muito bem “corrigido”, minha querida Vermelhosa, absurdo é termos que aguentar este lápis opcional, já basta um...

Olha para o Príncipe Negro e sorri vitorioso, vai até Verdose e para em sua frente, ameaçador:

- E aí “chefia”? O que manda?

Ah, esse Verdose! Sempre alegre, será que ele ainda não percebeu que corre um grande perigo? É só olhar para a cara do Rei Azulis, não dá para esperar nada de bom!

- O que eu mando, Verdose? No caso não importa o que mando e sim para onde eu devo mandar um bêbado que não se aguenta de pé e ainda por cima se apresenta na vistoria oficial com a ponta gasta deste jeito? Então “chefia”, para onde acha que vou mandá-lo?

Verdose fica pensativo, e sorri, esse rapaz deve ser meio “pancada” mesmo.

- Para a cama, tirar uma “soneca”?

- Não, está frio!

- Tirar umas férias na praia?

Rei Azulis lhe dá uma tapinha nas costas, cumprimentando-o, com tanta força que ele até balança.

- Isso! Umass férias e permanentes...- fala baixo, só para Verdose ouvir - Férias merecidas, para quem tem tido tão “boas ideias” ultimamente, vai aprender a não cruzar no meu caminho! – Volta a falar alto - Férias permanentes no abismo!!!

- Ohhhhhh!! – “Os Lápis” voltam a exclamar!

Príncipe Grafiteê ainda tenta ajudar ao seu amigo:

- Mais “papi”, não seria melhor se...

- Cale-se, “toco de lápis”! Você só não vai junto porque é meu filho, infelizmente...

- E porque ele é da nobreza! – corrige Rainha Vermelhosa, sempre atenta – só “deus” pode condená-lo...

- Já sei, já sei, e isso não importa, está decidido, amanhã antes que “deus” venha nos buscar, estes dois imprestáveis estarão para sempre levando uma ótima vida... no abismo....

Solta uma gargalhada sinistra e sai, acompanhado pelo Marquês Alvinho, seu fiel conselheiro. Os outros ficam em silêncio, o destino de dois súditos do Reino do Estojo seria decidido pela nobreza, Ênegra chora, silenciosamente, Verdose coça a cabeça:

- Deu ruim...

Agora só nos resta esperar e esperar pelo resultado do julgamento.

## Capítulo 4

### “O julgamento”

Lá estão eles, reunidos, na expectativa. Todo o Reino do Estojo aguarda o início do julgamento que vai decidir se Ênegra e Verdose serão condenados ao “abismo”, castigo sem perdão para quem, de alguma forma, esteja prejudicando a “deus”.

Rei Azulis, sentado em seu trono, observa feliz, sim, porque algumas pessoas só estão felizes quando alguém está sofrendo. O medo está estampado no rosto de Ênegra, e mesmo Verdose, geralmente calmo e descontraído, por mais que tente disfarçar, não consegue esconder sua preocupação. Rei Azulis levanta-se e lentamente caminha até a frente de todos.

- Vamos dar início à votação que irá mandar estes dois imprestáveis ao abismo!

- Meio-certo, Azulis, temos idêntica possibilidade de que sejam absolvidos, porque...

- “Cara”, esposa, você está cada vez mais eficiente em seu dever, ou seja, você está cada dia mais “chata”, como toda caneta vermelha, querendo corrigir tudo! Marquês Alvinho, faça logo o seu trabalho...

O Marquês vai até a frente, carregando debaixo do braço um grande tabuleiro de madeira. Parece um placar de jogo de futebol, com o zero a zero, só que em vez de times, leio as palavras sim e não, bem abaixo de cada número.

Ele arma o placar sobre um cavalete e muito orgulhoso de sua participação no julgamento, abre pomposamente uma folha de papel, quando, então, pigarreia e discursa, solene:

- Vamos dar início a votação que decidirá a sorte de dois membros do Reino do Estojo, indicados pelo nosso magnífico, ilustríssimo, inteligentíssimo, e justíssimo soberano, para sucumbirem no “terrível” abismo! Isso, porque foram verificados defeitos e inutilidades durante a “Vistoria Oficial”! São eles, Verdose e Ênegra. E como todos vocês já sabem, apenas os membros da nobreza terão direito ao voto, cabendo aos demais aceitar, sem reclamar...

- Que injustiça! – “Os Lápis”, reclamam, inconformados por não poder participar.

- Alguém disse alguma coisa? – Rei Azulis pergunta sorrindo, aquele sorriso, esperando a oportunidade de dar mais uma bronca, eles percebem e tentam disfarçar.

- Queremos justiça, viva a justiça!

- E terão, podem deixar que no próximo julgamento deixarei todos vocês participar...

- Verdade, Rei Azulis?

- Claro, e como personagens principais... – muda o tom de voz, falando alto, mais bem alto mesmo, que deu para ouvir daqui – SIM! SERÃO CANDIDATOS A UMA VIAGEM AO “ABISMO” E SEM VOLTA!

- Ohhhhhh!

- Alguém mais tem algo a reclamar? – olha em volta, nervoso - Prossiga Marquês Alvinho...

Até o Marquês gagueja. Esse Rei realmente consegue meter medo em todo mundo.

- Cla..cla...claro, “bondoso” Monarca, dando início à votação, chamo a nossa ilustre Condessa Retilínea...

Condessa Retilínea caminha ignorando a todos. Régua “fresca” como essa nunca vi, parece que tem o “rei” na barriga, isto é, se tiver barriga, de tão magra que é!

- Evidentemente, mesmo que estas indicações não tivessem vindo do nosso excelso rei, eu só poderia concordar com a decisão de enviar os que não tem utilidade e nem capacidade, para fora de nosso magnífico Reino, ou seja, fora com os dois, meu voto é sim...

- Bravo!!! – mesmo que sem entender muito bem “Os Lápis”, ficam empolgados com o belo discurso.

- Silêncio!! O povo não pode se manifestar!

- Ora...ora...Marquês Alvinho! – mansamente Rei Azulis o repreende - A voz do povo é a voz de “deus”...

- Claro, meu Rei, me desculpe! – vai contente até o placar e marca um ponto para o “sim” – Convoco agora, para manifestar seu voto, “Sir” Desapontado...

O “baixinho” Desapontado, sempre tão tímido, dá um passo à frente e responde com a voz firme, decidido.

- Realmente não é bom para ninguém, inclusive para Verdose, qualquer vício, principalmente a bebida, com isso o desempenho de “deus” pode ser prejudicado...

“Os Lápis” batem palmas concordando, Condessa Retilínea balança a cabeça aprovando.

- Isso mesmo, que visão!

- Só que todos merecemos também uma oportunidade para melhorar, e quanto a nossa querida Ênegra, na minha modesta opinião temos bastante espaço em nosso Reino, sendo assim meu voto categoricamente é não!

- Muito bem!!!

Os “Lápis” gritam e aplaudem entusiasmados, Rei Azulis, “azul” de raiva, grita ainda mais alto com o Marquês:

- Conselheiro Alvinho!!! O senhor sabe muito bem que são totalmente proibidas manifestações populares durante a votação!

Marquês Alvinho fica sem entender nada e nem eu.

- Mas vossa majestade disse que a voz do povo é a voz de “deus”...

E disse mesmo! Eu ouvi!

- Só quando for do meu interesse...digo...do interesse do Reino, faça seu trabalho e não me questione!

- Escutaram, seus “palermas”? Vocês não podem se manifestar, ou nem sempre...isto é... ah deixa para lá...

Vai até o placar e marca o voto, por enquanto o jogo, ops, o julgamento está empatado. Quem será que vem agora?

- Convoco agora “Sir” “Mala”, quer dizer, “Sir” Borrarento e seja o que “deus” quiser...

Sir Borrarento abre passagem até a frente, resmungando.

- Ai minha perna... ai minhas costas... e olha que nem começaram as aulas, nem começou o “esfrega-esfrega”... bem... nosso Rei, pensando no bem estar de todos, usou de seu direito e determinou que aqueles dois, sejam enviados ao abismo...

- Muito bem, Borrarento, muito bem! – Rei Azulis apoia feliz.

- Obrigado, majestade, e como também tenho o direito a dar meu voto e minha opinião... - faz uma pausa todos ficam em suspense - Eu discordo veementemente dessa decisão real e, portanto, meu voto é não...

- Imbecil!! – Rei Azulis não se conforma e dá um murro no trono.

- Querido!! – Rainha Vermelha o censura.

- Baaa.....

Ele se afunda no trono. Afinal isso é um Rei ou uma criança mimada que não gosta de ser contrariada?

Marquês Alvinho, mesmo sem nenhuma vontade vai até o placar e marca o voto inocentando aos dois indicados pelo Rei ao abismo.

- Chamo agora, eu mesmo... eh... eh... eh... Marquês Alvinho...- dá um passo a frente - Eu não me permito nem pensar, o que meu Rei quer, que seja feito, ele está sempre certo, assim, meu voto é “sim”! Ao abismo com está corja!

Vai todo feliz até o placar e empata a votação, “Os Lápis” não se conformam:

- “E o cordão de puxa-saco cada vez aumenta mais...e o cordão de puxa-saco cada vez aumenta mais...e o cordão...”

- Silêncio! – nem precisou gritar, bastou o Rei falar baixinho e lançar aquele olhar - Prossiga meu “grande” conselheiro...

O Príncipe Negro ainda consegue brincar.

- Se esse romance entre vocês dois continuar assim vai acabar nascendo uma “caneta branca”!

- Engraçado como sempre “maninho”, quero ver seu senso de humor quando sua amiga, lápis pretinho, rolar até o fundo do “abismo”! Vamos logo Alvinho, continue...

- Agora vamos dar início a votação da família real, que afinal de contas deverá ser a favor do nosso Rei Azulis, afinal são da família!

Príncipe Negro vai até ele e fala tão alto que o Marquês treme dos pés a cabeça.

- Isto é ilegal! Este “branquelo” está fazendo “boca de urna” em pleno local de votação, está tentando influenciar a todos!

Rei Azulis sorri, tranquilo.

- Desculpe, mais aqui quem diz o que é ilegal ou não sou eu, o Rei...

- Na verdade é a Constituição do nosso Reino que dita todas as leis e...

- EU SEI VERMELHOSA!!! – Rei Azulis respira fundo - Eu sei “querida”, vamos acabar logo com isso...

- Bem, como eu ia dizendo, a família real agora vai votar, para “confirmar”... - que cara teimoso - ... a sentença do nosso “bondoso” soberano...Príncipe Grafiteê... por favor...

O Príncipe Grafiteê desce tranquilo de seu trono, dá um giro e vai saltitando até a frente.

- Meus súditos, meus amigos, realmente o certo é concordar com meu pai...

- Esse é o meu filho querido! – diz orgulhoso o Rei

- “Filho querido”, “papi”? Mas pensei que eu fosse um inútil “toco choramingas” ou entendi errado?

- Bem...filho...eu...

- E como sou um “toco”, que teve a “sorte” de ter sangue real e por isso, escapei de estar ali, ao lado de meus amigos, passando a mesma humilhação que eles, é claro que nunca mandaria eu mesmo para o “abismo”! – dá um giro em torno do rei saltitando – o meu voto só pode ser “NÃO”!

Outro murro se ouve no trono, desse jeito Rei Azulis vai acabar machucando a mão. Marquês Alvinho marca o voto, e chama a Princesa.

- E agora nossa Princesa Eterna!

Ela nem tem o trabalho de levantar do trono, apenas ergue a mão, ativa, ou melhor, “metida” mesma.

- Os inúteis deverão ser sempre expulsos do Reino do Estojo, para que não contaminem o restante do povo, eu, que sobrevivo a tantos “perceíveis”, não sou obrigada a suportar esta ralé! – como dois irmãos podem ser tão diferentes um do

outro? - Meu pai está mais do que certo, AO ABISMO COM ELES! Nada mais tenho a dizer...

E nem precisava, Rei Azulis parece que vai explodir de tanto orgulho de sua filha, Condessa Retilínea bate palmas e solta gritinhos de alegria. Marquês Alvinho, todo feliz vai até o marcador e assinala o empate, mas quando lê o próximo nome da lista, volta a murchar.

- E agora, como não tem outro jeito, sou obrigado a chamar o Príncipe Negro!

O Príncipe salta de seu lugar, vai até Ênegra e Verdose e aperta suas mãos, ouvem-se murmúrios entre “Os Lápis”.

- Que coragem! – exclamam todos juntos.

Ele caminha até a frente de todos e fala, firme, confiante, decidido. Adoro esse Príncipe!

- Mesmo que o nosso “ilustre” Rei e a “cambada” que vive rastejando e beijando seus pés, achem que nós, pretos, somos inúteis, opcionais ou incapazes, somos e seremos sempre peças importantes no Reino do Estojo!

- Úteis?? Oh...oh...oh...não me faça rir! – só podia ser a Condessa Retilínea.

- Bem, depois do “cacarejo” da “perua” real, permitam que continue, se “deus” nos colocou aqui é porque todos somos necessários, porque ele precisa de nós, e é isso o que realmente importa e não a opinião de um ou de outro, e por mais alguns achem que seja “justa” ou “soberana” a vontade do nosso “fantástico” rei, ela nunca será superior a opinião e a vontade de “deus” ou estarei errado? Se Rei Azulis e seus “puxa-sacos” não conseguem enxergar a nossa utilidade, quer dizer que ela não existe? – nem eu falaria tão bonito, a gente fica até emocionado - Acho que não tenho necessidade de dizer meu voto...- caminha até o placar e marca o voto com força – Abaixo a ditadura e viva a Liberdade!

Verdose e Ênegra se abraçam. Todos, os que votaram “não”, e “Os Lápis”, gritam e batem palmas, Rei Azulis, inconformado, afunda-se no trono. E agora? Quatro votos contra e três a favor da decisão do Rei e acho que só falta um membro da família real a votar, a gritaria e os aplausos continuam, a expectativa é geral. O que parecia impossível está para acontecer. Eles podem ser absolvidos!

Aos poucos todos se acalmam, Marquês Alvinho enxuga o suor, a folha de papel treme em sua mão.

- Chamo agora a Rainha Vermelha. – Ela levanta-se olhando para todos, caminha lentamente, fica ao lado do Marquês - Quero lembrar que temos a diferença de um voto contra a decisão de nossa Majestade, isto quer que o voto da Rainha será decisivo e caso o resultado seja um empate, o voto final é dado pelo representante direto de “deus” no Reino do Estojo, o excelentíssimo Rei Azulis, por favor, minha Rainha...



Rainha Vermelha sorri para todos:

- Meus súditos, Verdoso...Énegra...
- Fala, “mãezona”...- esse Verdoso não tem jeito.
- Minha rainha...- Énegra faz uma reverência.

A Rainha respira fundo, sabe que tem uma difícil decisão pela frente. De um lado, a justiça em que ela acredita, do outro, o Rei, seu marido, a quem ela deve obediência. Começa a falar suavemente, sua voz encanta a todos, como é bela a Rainha, parece que há música no ar!

- Todos aqui sabem que meu maior dever no Reino do Estojo é corrigir os erros e apontar os acertos...

- O que faz muito bem, majestade!! – exclamam “Os Lápis”.

- Obrigada... realmente, desde que existe o nosso Reino, todos os Reis que por aqui passaram detêm o direito de vistoriar todos nós, para estarmos sempre prontos e servir a “deus”, isso é um acerto...

- Perfeito como sempre, querida...

Rei Azulis está contente. Sabe que com o voto da Rainha será a seu favor, sendo ele que irá decidir, ou seja, ele que irá expulsar aqueles dois do seu Reino e depois só ficaria faltando seu irmão, mas nisso ele pensará depois.

- Também é verdade...- continua tranquilamente Rainha Vermelha - que sempre existiram e sempre existirão, os Príncipes Negros e os lápis-de-cor pretos, seguindo sempre a vontade de “deus”...

- Besteira, Vermelha! – resmungo o Rei - Você é que tem pena de todo mundo!

- Pena não, apenas prefiro ver o lado bom das coisas e das pessoas...

- E qual seria o lado bom deste “traste” do Verdoso?? – “cacareja”, digo, pergunta a Condessa Retilínea.

- Então, “querida” esposa? Responda à pergunta da Condessa, qual o lado bom desse bêbado? Você acha que ele tem condição de continuar servindo a “deus”?

- Desse jeito, ele realmente não pode, tenho que concordar com o Rei...

“Os Lápis”, juntos põe as mãos na cintura e exclamam inconformados.

- É um bêbado imprestável!

Verdoso abaixa a cabeça, envergonhado. No fundo ele também sabe que seu vício é ruim. Espera ansioso a resposta da Rainha, e seja qual for, ele vai amá-la para sempre, Rainha Vermelha é a bondade e a justiça em pessoa e todos a respeitam por isso.

- Bêbado sim, imprestável nunca! Respondam-me, qual é o nosso dever se alguém a quem amamos se entrega ao vício?

Princesa Eterna não pensa duas vezes antes de responder.

- Mandá-lo diretamente ao abismo, é claro!

- Você acha isso mesmo, minha filha? Não seria melhor primeiro tentar ajudá-lo? Temos que seguir o exemplo de “deus”...

- Exemplo de “deus”? – Rei Azulis se mexe inquieto, no trono - Que exemplo?

- Oram imaginem se a cada vez que quebrasse a ponta de um lápis, vocês fossem condenados ao “abismo”? Não precisaria nem que existisse nosso amigo Sir Desapontado!

- Que horror! - Sir Desapontado sente até um arrepio.

- E se cada vez que houvesse um deslize, “deus” joga-se fora à folha? Não precisaríamos de Sir Borrarento e nem mesmo do Marquês Alvinho...

- Só de pensar minhas costas já doem... – Sir Borrarento resmunga.

- Acho que vou desmaiar...- Marquês Alvinho balança de um lado para o outro, apoiando-se no Príncipe Negro, que só com um olhar, já cura na hora seu “chilique”.

Rei Azulis se levanta. Percebe que o discurso da Rainha Vermelha pode fazer com que o seu plano vá por água abaixo.

- Tudo besteira! O que isso tem a ver com esse bêbado?

- Quero apenas mostrar que todos merecemos uma segunda chance, temos que ajudar Verdose a se livrar do vício, e não simplesmente condená-lo ao abismo! O que você acha Verdose?

- Ah minha Rainha, pela senhora e pelo Reino do Estojo prometo lutar com todas as minhas forças, mas espero contar com a ajuda de todos vocês!

- Oh...oh...oh...

-De quem será essa risada de pouco caso, de desprezo, ah claro, é ela! A Condessa “Magrela” Retilínea.

- Eu, ajudá-lo? Deveria ter pensado nisso antes de começar beber, para mim só o abismo resolve, perder tempo para que?

Marquês Alvinho pergunta receoso para a Rainha Vermelha.

- Rainha, desculpe eu perguntar, mas pelo que entendi, apesar de não acreditar o seu voto é...é...

- SIM!! – agora até eu cai para trás –O VOTO DELA É SIM!!! – Rei Azulis está descontrolado.

- Isso é ridículo, Azulis! Você não pode decidir pela Rainha!

Príncipe Negro vai até o lado da Rainha para protegê-la. Ela está tão assustada que não consegue nem falar.

- Azulis eu...

Rei Azulis a pega pelo braço, afastando-a dos outros, ninguém consegue ouvir o que conversam. Podem deixar, vou junto, tenho que saber o que este vilão pretende agora.

- Caso o seu voto não seja a meu favor – sorri ameaçador - eu mesmo farei com que o “toquinho” do seu filho quebre tantas vezes a ponta, que “deus” vai se livrar dele em menos de uma semana!

- Você não pode fazer isso, Azulis! Pense bem, eu tenho o direito de votar!

- Posso sim, e você sabe muito bem que sou capaz disso e de muito mais, agora vamos, e lembre-se, o destino de seu filho está em suas mãos...

Que golpe baixo! Tenho vontade de ir até lá e dar uma lição nesse Rei, que ele nunca mais escreveria uma linha sequer! Mas “deus” existe, nem tudo está perdido, bem, pelo menos acho que não. Eles chegam até onde estão os outros, a Rainha, cabisbaixa, tenta conter as lágrimas. Dá o seu voto, ou melhor, o que a obrigaram a dar.

- Meu voto é...é...sim....

Forma-se um grande alvoroço, “Os Lápis” ficam abismados.

- Ohhhhhhh!! Marmelada! Marmelada! Marmelada!

Rei Azulis nem liga para a manifestação do povo.

- Como houve um empate cabe a mim a decisão do destino destes dois inúteis, e é claro, só me resta, com muita alegria confirmar a condenação!

Princesa Eternita e a Condessa Retilínea, batem palmas felizes.

- Isso mesmo papai!

- Bravo! Bravo!

Marquês Alvinho faz uma reverência na frente do Rei e beija sua mão.

- A justiça e a lei sempre vencerão, Majestade!

- A lei do mais forte você quer dizer? Essa votação foi totalmente ilegal!

Príncipe Negro ainda tenta defender seus amigos.

- A minha lei venceu! – Rei Azulis está todo orgulhoso do seu poder - A minha vontade! Vocês podem ter ficado impressionados com o discurso da Rainha, pois eu afirmo, ela está errada! É essa mania de querer corrigir o mundo, eu tenho que defender o interesse do meu reino e de “deus”!

- Mas, “papi”! – Príncipe Grafiteê tenta argumentar, como se adiantasse alguma coisa - Perante “deus” somos todos iguais...

- Iguais? – lá vem o nervosinho de novo. Esse Rei é estressado demais! - Você acha então que sou igual ao meu irmão?? Escute bem, estou sempre com “deus”, “ele” precisa de mim, de sua mãe, até mesmo de você e quanto a ele? – aponta para o Príncipe Negro - E ela? – é a vez de Ênegra, que abaixa a cabeça humilhada, vencida - Não percebe, meu filho? Eles são inferiores, são de cor preta, são diferentes de nós! – olha para Verdose com desprezo - E este bêbado então? Ajudá-lo para que? É mais fácil “deus” comprar outro e pronto, se ele não presta, não presta! O mundo é dos mais fortes, os fracos têm que sumir, desaparecer!

Sir Desapontado balança a cabeça, ele não concorda, nem eu e tenho certeza, que nem vocês, apesar da gente saber que tem gente que pensa assim.

- Mas, Majestade...

- Nem mais, nem menos, já chega! A decisão é minha, não devo satisfação a ninguém! Vamos seus imprestáveis... - ordena aos "Lápis" - ...levem-nos ao abismo, que se cumpra à sentença!

Eles ficam indecisos, olham para o Príncipe Negro e para a Rainha Vermelha.

- Não pode, você não pode!

Príncipe Negro ameaça intervir, e vai para cima do Rei que recua assustado, Sir Desapontado e Príncipe Grafiteê conseguem detê-lo.

- Infelizmente ele pode, é o Rei!

Príncipe Grafiteê tenta acalmar seu tio, tomara que consiga, afinal, a violência nunca resolve os problemas, e o pior, torna-os maiores.

"Os Lápis" seguram Ênegra e Verdose pelos braços, e como uma procissão, todos seguem até o abismo, quando chegam na beira, ela solta um grito, Verdose a abraça.

- Calma, menina, nem tudo está perdido!

- Como não? Veja...

Aponta para o grande cesto, que parece mesmo um grande "monstro", de boca aberta, pronto para engoli-los.

- Tenhamos fé, porque "deus" ainda pode nos salvar, "ele" está acima de qualquer Rei, principalmente um "bunda-mole" como o nosso... puxa... nunca estive tão sóbrio em toda minha vida, se eu pudesse ter uma nova chance!

Infelizmente, Verdose, acho que você não terá essa nova chance. Rei Azulis ajeita sua coroa e com seu sorriso mais cruel, ordena aos pobres "Lápis", tristes por terem que participar daquela tarefa, infelizmente assim o trabalho as vezes exige, que cumpram a sentença.

- Terminem logo com isso! Vamos, primeiro o bêbado...

Verdose é agarrado pelos braços, ouvem-se os gritos desesperados dos que sentem na pele o pior fim que um súdito do Reino do Estojo pode ter.

No momento que ele vai ser arremessado, ouve-se uma voz de criança, ops, de criança?

- Já vou mamãe! Só ver o meu estojo...

Sir Desapontado começa a gritar e correr, agitado.

- "deus" está vindo! Corram, corram todos...

Todos correm de um lado para o outro, apavorados, trombam e caem, a confusão é geral, nem o grito do Rei Azulis eles escutam.

- Esperem...a sentença...temos que cumprir a sentença!

A Rainha Vermelha o sacode pelos ombros.

- A sentença? Ficou louco, Azulis? Não entende? É “deus” que vem vindo!

Todos continuam confusos, não vai dar tempo para chegarem no Estojo, Príncipe Negro o mais calmo, ordena.

- Não temos mais tempo, todos para o chão, para o chão!

Todos se jogam sobre a mesa e ficam imóveis. Verdose ainda está na beira do abismo, quando vai se jogar no chão, Rei Azulis, maldosamente, o empurra. Ele fica balançando, tenta se equilibrar, não vai conseguir, vai cair! Surge então uma mão amiga que o puxa, jogando-o para o chão. É o Príncipe Negro. Só que ele teve menos sorte, ao salvar Verdose, acaba por se desequilibrar e cair no abismo. Pobre Príncipe Negro!

O silêncio é total, escutam-se passos e a voz de “deus”.

- Mãe! A Ritinha “bagunçou” todo o meu estojo, está tudo espalhado na mesa! Que “droga”! Tenho que arrumar tudo...

E assim acontece, “deus” vai colocando cuidadosamente cada um no seu lugar. Esse “deus” é bastante caprichoso! Chega a vez do Príncipe Grafiteê, “deus” o olha por um tempo.

- Meu lápis já está um “toquinho”, mas eu gosto muito dele! Vou tomar cuidado, quero que ele dure muito tempo ainda!

Príncipe Grafiteê entra no Estojo chorando de alegria, abraça sua mãe.

- Ele gosta de mim! “deus” me ama! Ele gosta de mim, mamãe!

- É claro, meu filho “deus” ama a todos nós, grandes ou pequenos, fortes ou fracos, azuis, amarelos, pretos, a todos nós...

Rei Azulis solta uma gargalhada.

- Iguais ou não o destino me ajudou! Meu “maninho” já era...

Lentamente a tampa do Reino do Estojo vai se fechando, Énegra se desespera.

- Não! “deus” espere! Falta o nosso Príncipe Negro! Lembre-se de nós, por favor, não esqueça o nosso Príncipe!

“Os Lápis” fazem coro, todos torcem pelo Príncipe, eu torço pelo Príncipe e sei que você também.

- Não esqueça o nosso príncipe...não esqueça o nosso príncipe...não esqueça o nosso príncipe...

- “deus” não ouve a ralé! - Rei Azulis, ri, vitorioso.

Quando já está quase toda fechada, de repente, a tampa do Estojo para, o que será que aconteceu?

- O que é isso? Minha caneta preta! Se não olho já ia para o lixo! Essa Ritinha é mesmo uma intrometida, está sempre mexendo nas minhas coisas...

“deus” com carinho, se abaixa, retirando Príncipe Negro do cesto de lixo, ou melhor, do abismo, o colocando no seu merecido lugar, no Reino do Estojo.

Todos que gostam do Príncipe Negro, exclamam juntos.

- Graças à “deus”...

Rainha Vermelha, sem conseguir esconder sua alegria, “corrige” mais uma vez o Rei Azulis.

- É Azulis, pelo jeito “deus” ouve a todos nós...

A tampa volta a se mover, mas antes que se feche completamente ainda ouço a sinistra voz, do não menos sinistro Rei.

- Comemorem enquanto podem, só não esqueçam de uma coisa! A sentença já foi dada e tem que ser cumprida, nada mudou, fim deste dois é o abismo!! O abismo!

Fecha-se o Reino do Estojo, o silêncio é total. Com certeza o coração de todo povo está batendo mais forte, na expectativa de como vai acabar esta história. O meu também está disparado. A lei deve sempre ser cumprida, para que um Reino seja justo com todos. Só não podemos esquecer que alguns “espertos”, oportunistas, usam a lei para resolver os seus problemas pessoais, e isso é errado! Bem, por enquanto nossos amigos estão salvos, só nos resta saber até quando.

## Capítulo 5

“A voz do povo é a voz de Deus”

- Maaaãe! – Opa! Já conheço essa voz! É a voz de “deus” - O Paulinho está usando a caneta preta em vez da azul, posso usar também? – Será que ouvi direito ou estou sonhando? - A tia deixou sim! – ainda não estou acreditando - Obaaa! Está bem, já vou tomar banho!

Depois de alguns segundos a tampa do Estojo abre ruidosamente. É um alvoroço só, todos vão saindo e falando ao mesmo tempo, “Os Lápis” gritam:

- Viva! Viva o novo Rei!

Todos acompanham, bem, menos alguns é claro. Eles rodeiam o Príncipe Negro, que de tão surpreso, tanto quanto eu, ainda não se acostumou com a ideia, mas, pode acreditar, Príncipe, o senhor, por decisão de “deus”, é o novo Rei do Reino do Estojo!

Sir Desapontado pula de alegria. Esse “baixinho” está feliz mesmo!

- O senhor conseguiu! É o novo Rei, não acredito! Pela primeira vez um Príncipe Negro é o Rei do Estojo!

“Os Lápis” não conseguem se conter:

- Viva! Viva o Rei Negro!

- Isso é um absurdo! – adivinhem quem gritou? Ele mesmo, o Rei...digo o ex-Rei Azulis - Ele nem tem sangue azul, é contra a lei!

- Desculpe, querido... – Rainha Vermelha faz de tudo para não demonstrar sua alegria, pois, apesar de tudo, Azulis é o seu marido - mais “deus” está acima de todas as nossas leis, se ele decidiu, está decidido!

- Bem, se é assim... - Príncipe Negro vai até onde está Azulis, sorri, e lhe tira a coroa – com licença – põe em sua cabeça – obrigado “maninho”!

Rei Azulis, quase “vermelho” de raiva, afasta-se para um canto. Também inconformados, vão para o seu lado, a Princesa Eterna e a Condessa Retilínea, já o Marquês Alvinho...

- Viva o novo Rei!

O Marquês está feliz? Essa eu não entendi e nem “Os Lápis”:

- É falsidade!

Ele demonstra surpresa, “fala sério!” Esse rapaz é muito “cara-de-pau”!

- Falsidade? Eu sempre achei que os de cor preta, apesar de tudo, merecem as mesmas oportunidades que os outros...

Neste momento faz uma reverência que chega com a sua tampa até as pontas dos pés, este corretivo é bem convincente quando quer.

- Rei Negro, como conselheiro real, estou a vosso inteiro dispor para tudo que precisar, disponha de mim como quiser!

- “Apesar de tudo”... – Príncipe, digo, Rei Negro, fala mansamente, sereno, como deve ser um Rei - ... como sou o novo Rei e não pretendo me casar tão cedo, peço que Rainha Vermelha continue exercendo suas funções, bem como meus queridos sobrinhos, que serão sempre os príncipes queridos de nosso reino...

- Muito obrigada, Rei Negro! – responde meiga como sempre nossa Rainha Vermelha - Pode contar com minha ajuda...

- “Legal”, tio! – grita feliz o Príncipe Grafiteê – Digo, majestade, pode contar comigo também!

- Pois, eu dispenso os seus favores! – a Princesa Eternita olha para ele com desprezo, mas que menina mimada e mal-educada! - Para mim, meu pai, foi, é e será o Rei, e quando terminar este “capricho” de “deus”, espero que caia no esquecimento do povo este dia, que tivemos que suportar uma simples caneta de cor preta como Rei...

Vira-lhe as costas, Rei Negro fica triste. Ele ama sua sobrinha e o que ele mais queria é que ela também o amasse e respeitasse, prefere não responder, só que “Os Lápis”... ah... esses não perdoam:

- Uhhhhhh! – juntinhos, afinadinhos, em resposta lhe dão uma sonora vaia.

Marquês Alvinho, procurando mostrar como é “zeloso” em sua função, repreende a Princesa.

- Que é isso Princesa Eternita? Eu lhe aconselho a ter mais respeito com o nosso venerável Rei!

- Alvinho, meu caro, venha até aqui...

Rei Negro o chama educadamente, o Marquês corre, trombando em quem está na sua frente, chega agitado, quer ser útil de qualquer forma, mais para impressionar, de que por vontade, é claro.

- Sim, Majestade! Pode falar! Seu pedido é uma...uma não...duas ordens!

- Marquês Alvinho, em no Reino do Estojo, daqui por diante, todos terão o direito de dar sua opinião, seja a favor ou contra o Rei. E quanto aos seus conselhos, guarde-os para si mesmo, porque você não é mais o conselheiro real, “apesar de tudo” claro...

- Isso não é possível!

-Por favor, Rainha Vermelha, me corrija se estiver errado...

- Está certíssimo, majestade! O Rei tem todo o direito de escolher quem ele quiser para ser seu conselheiro...

“Os Lápis”, como eu, estão curiosos.

- E quem será o novo conselheiro, Rei Negro?



Rei Negro caminha entre todos, devagar, a expectativa é geral.

- Espero que com minha escolha eu resolva também um problema que aflige a maioria do nosso povo...

- Problema? Que problema, titio?

- Um problema Príncipe Grafiteê, que para resolvê-lo conto com a ajuda de todos vocês, primeiramente no apoio que devemos dar ao nosso novo conselheiro e amigo, para que se livre deste vício que tanto o tem prejudicado...

Acho que já sei quem é. Essa decisão vai dar o que falar!

- Pretendo, com isso, mostrar também, que confiamos plenamente em sua capacidade e em sua responsabilidade...

- Ele é responsável! E muito inteligente também!

Pelo jeito Sir Borrarento também já adivinhou quem é.

- Qualidades essenciais para o novo cargo que irá ocupar! Senhoras e senhores, apresento a vocês o novo conselheiro real, “Sir” Verdose!

Marquês Alvinho cai no chão desmaiado, gritos de alegria se misturam com os de revolta, vindo de alguns nobres, é claro! Verdose, ou melhor, o agora Sir Verdosse é rodeado e abraçado pelos “Os Lápis”, Azulis se adianta e com sua voz de trovão, silencia a todos. Sempre tem alguém que quer estragar uma festa!

- Vossa “majestade” só está esquecendo um pequeno detalhe, ele e nossa “amiga negrinha” estão condenados ao abismo!

- É claro que não esqueci deste “detalhe”, Azulis! Você é que está esquecendo, que sendo o Conselheiro Real, Verdose se torna um nobre e assim, só “deus” pode condená-lo, Rainha Vermelha, por favor...

- Exato, Rei Negro, só “deus”!

Condessa Retilínea com seu nariz empinado, imaginem só, uma régua com nariz empinado, difícil de acreditar! Bem, como ia dizendo, a Condessa vai até perto do Rei Negro e o olha com desprezo.

- Verdose tudo bem, é o conselheiro, temos que engolir, mas Ênegra é um simples lápis, e de cor, e o pior, de cor preta!

Rei Negro merecia um prêmio de melhor ator, tamanha a perfeição com que imitou a Condessa.

- Simples “lápis”? E de “cor”? E de cor preta? Mas ela é uma Marquesa!

- Marquesa? Oh...oh...oh...o peso da coroa deve estar afetando seus miolos! Quem lhe disse esse absurdo?

- “Oh...oh...oh...” eu disse esse absurdo! Não sabia que acabei de agraciar Ênegra com o título de marquesa? Marquesa Ênegra! O que a Condessa “Magrela” acha?

- Isso é ridículo! – Condessa Retilínea fica horrorizada.

- Desculpe ocupá-la tanto, Rainha, mas eles insistem...por favor...

- O Rei pode...

A Princesa Eternita, em um ataque de raiva, ou “chilique” como preferirem, interrompe sua mãe.

- Já sei mamãe! O Rei tudo pode! Pode é destruir o Reino do Estojo, trazendo esta “gentalha” do povo para fazer parte da nobreza, fazendo com que nos misturemos com essa ralé! – faz uma reverência debochada - Que seja feita a vossa vontade “ô Majestade”! Só que não vou ficar aqui nem mais um segundo para presenciar a decadência do nosso Reino!

Sai sem se despedir de ninguém. Condessa Retilínea lança um olhar “geral” de desdém e a segue. Azulis, sorri de forma sinistra, fazendo com que todos imaginem um futuro com muitas chuvas e trovoadas.

- Me aguarde, “Rei” Negro, logo estarei de volta, “deus” querendo ou não!

Vai embora batendo os “cascos”, que maldade, quis dizer batendo os pés. No caminho, dá um chute no Marquês Alvinho, que dá um pulo, despertando de seu desmaio, e assustado o segue. Todos ficam silenciosos. Sir Verdose tenta animá-los, vai até o trono do Rei e olha para os seus amigos:

- Eu agradeço a confiança do Rei Negro e a todos vocês pela força! E como novo Conselheiro Real, proponho que brindemos ao nosso novo rei e a nossa mais nova e linda Marquesa...

“Os Lápis” vão até ele, todos com as mãos nas cinturas.

- Brindemos?

- Com guaraná é claro...com guaraná...

- Ah bom!

Rei Negro, mostrando tranquilidade, senta-se em seu trono, todos estão emocionados, pela primeira vez um de cor preta no posto mais alto do Reino do Estojo! Até eu tenho que respirar fundo para não chorar. “deus” é muito bom! A alegria de ver alguém realizar um sonho é maior do que tudo. Ele olha a todos, agradecido.

- Então vamos, amigos, vamos comemorar!

## Capítulo 6

### “O Golpe de Estojo”

Alguém está sentado no chão, em frente ao trono do Rei, parece triste, desanimado. A vida da gente é assim, um dia nos sentimos os maiores, os donos do mundo, felizes pelo que somos e pelo que temos. Só que quando essa felicidade é construída em cima da tristeza dos outros, ela é fraquinha, qualquer vento pode afastá-la de nós. E foi isso que aconteceu com esse rapaz, que sempre se aproveitou de sua posição para viver tranquilo, sobre a proteção de um Rei, mesmo que para isso tivesse que tomar atitudes que prejudicassem outras pessoas, e o pior, sempre achando que isso fosse uma coisa normal. O nosso desanimado personagem ninguém mais é do que o ex-Conselheiro Real, Marquês Alvinho!

- Não acredito! Os corretivos, sempre foram os conselheiros reais, como pode? O “povinho” no poder? Eu quero o meu cargo de volta, eu quero! – começa a bater os pés no chão e choramingar, parece mais uma criança mimada que um ex-conselheiro

- Eu quero...eu quero...

- Você quer e você terá!

O Marquês fica de pé em um pulo! Ali está ele, bem na sua frente, forte, altivo, seu ídolo! O único que pode ajudá-lo, seu grande herói!

- Rei Azulis! Quer dizer, “ex-Rei Azulis”...

- Sou e sempre serei o único Rei d Reino do Estojo!

- Sinto lhe dizer, mas “deus” não pensa assim...

Azulis solta uma gargalhada, até que ele está bem, para quem recentemente perdeu o que mais amava no mundo: o poder!

- Não se preocupe, vamos ajudar a “deus” a querer que eu volte, vamos lhe dar um pequeno “empurrãozinho”!

- Ajudar a “deus”, mas como?

- Simples, ex-futuro Conselheiro Real! Se o de cor preta por acaso sumir, quem você acha que será escolhido novamente como Rei?

- O senhor, é claro, mas se o Rei Negro sumir “deus” poderá ficar triste...

- E você acha que estou preocupado com isso?

- Como o Rei Negro irá sumir? É impossível!

Azulis o abraça pelo ombro, sussurrando em seu ouvido.

- Ora Alvinho, nós iremos sumir com ele...

- Nós?

- Lembre-se que além de Rei eu sou um gênio, escute bem...

Agora está falando tão baixinho que nem eu esticando o pescoço consigo ouvir, mas podem ter certeza, boa coisa não é.

- E pronto! – Azulis se afasta sorridente, maquiavélico, sinistro – assim sumirá a cor preta e a azul voltará a brilhar! E então acabarei com todos que me menosprezaram, com todos!

- “Xiiii”... não vai sobrar quase ninguém!

- O que disse?

- Nada, “ex-majestade”, digo, futura majestade... nada....

- Então pare de besteiras e vá logo chamar o “grande” Rei, vá, diga-lhe que peço humildemente uma audiência!

- Humildemente! O senhor? Se nem eu acredito, quanto mais ele!

- VÁ LOGO!

Nossa! Cadê o Marquês Alvinho? Do jeito que ele saiu correndo, com certeza, vai ganhar uma medalha na próxima olimpíada escolar! Azulis caminha de um lado para o outro, impaciente, os minutos passam, parecem horas. O que será que ele vai aprontar agora? Ouço passos firmes, ele assume uma atitude humilde, tenta colocar um sorriso bondoso no rosto, mas, isso é praticamente impossível. Surge nosso amigo, Rei Negro, Azulis vai rápido até ele e o cumprimenta.

- Meu querido irmãozinho! Que bom me conceder um pouco do seu tempo...

Rei Negro, espantado, põe a mão na testa de Azulis.

- Você está com febre? Tudo bem? Dormiu de ponta para baixo?

- Ah... “maninho”, engraçado como sempre! Só gostaria de saber se está tudo bem com você? Como tenho mais experiência como Rei, quero que saiba se precisar dos meus conselhos ou de minha ajuda, para qualquer coisa, pode contar comigo!

- Me ajudar? Sua doença é mais grave que eu pensava!

- Por que tanta desconfiança?

Esperem um pouco, agora eu vi! Enquanto os dois conversam, Marquês Alvinho entra silenciosamente por trás do Rei Negro, e o pior de tudo, está com algo na mão! O que esse corretivo pretende fazer? Cuidado Rei Negro!

- E não tenho motivo para desconfiar de você, Azulis?

- Ora, vamos esquecer o passado, você mesmo não disse que todos podemos mudar? Veja só o bêbado, Sir Verdose, quem diria? Conselheiro real!

- Sim, todos podemos mudar, mas você? E assim tão rápido? Difícil acreditar...

Eu diria impossível de acreditar. Agora, eu acredito é no que estou vendo. Enquanto eles conversam, o Marquês ergue o que tem na mão e ameaça acertar o Rei Negro, porém, fica indeciso, com medo, Azulis gesticula para ele continuar.

- Está tudo bem mesmo com você, Azulis? - Rei Negro estranha os gestos que seu irmão está fazendo. Marquês Alvinho continua indeciso.

- Ande logo com isso, idiota!

Azulis não tem paciência para nada mesmo, nem para fazer o mal. Rei Negro ameaça olhar para trás, mas é tarde, Alvinho o acerta e ele cai, desmaiado.

- Vamos, incompetente! Já perdemos tempo demais, pode aparecer alguém e por tudo a perder!

- Onde vamos colocá-lo?

Marquês Alvinho está assustado com o que fez, talvez até mesmo arrependido, quem sabe? Já Azulis, sorri, satisfeito.

- Naquele bolso da mochila de “deus” que tem um monte de “cacareco”, vamos... vamos levá-lo...

Eles saem carregando o Rei Negro. E agora? Quem poderá ajudá-lo? O que Azulis pretende com isso afinal? Vamos esperar e torcer.

## Capítulo 7

“Viva o Rei”

Todos estão reunidos em frente ao trono do Rei, conversam animadamente, a expectativa é grande. Aguardam a chegada do Rei Negro. Ênegra é a mais ansiosa.

- Hoje é o primeiro dia do Rei Negro, estou tão feliz!!!

“Os Lápis” para variar, fazem coro.

- Estamos todos felizes!

- Tomara que comece uma nova era para o Reino de Estojo!

- Nova era, Desapontado? Só se for à era do “lixo”! – dispara a “amarga” da Princesa Eternita.

Rainha Vermelhosa vai até ela e a abraça, dando-lhe um beijo estalado.

- Que é isso minha filha! De uma chance para o seu tio...

Essa Rainha é mesmo demais! Como sua bondade e o seu amor contagiam.

Vejam! Conseguiu até arrancar um sorriso da Princesa!

- Vamos ver, mamãe, vamos ver...

Sir Borrarento olha para todos os lados.

- Falando nisso, onde está nossa majestade?

- Deve estar se “emboncando”!

Pelo tom de voz estridente eu nem preciso falar que foi a Condessa Retilínea que falou, não é?

Sir Verdoso, de roupa nova, ponta afiadíssima, trabalho perfeito do seu amigo Sir Desapontado, é o que mais está preocupado com o atraso do Rei Negro.

- Procurei-o por toda parte, ele deve estar para chegar...

Uma tempestade invade a sala. Uma tempestade azul, ou melhor, Azulis! Batendo os pés fortemente no chão, bem dentro do seu “suave” estilo, passa por entre todos, ficando ao lado do trono.

- Não, ele não vai chegar!

Um balde de água fria não faria um efeito tão grande como aquelas palavras, todos ficam mudos. A Rainha Vermelhosa não acredita.

- Por que não? É claro que ele virá!

- Deixe-me “corrigi-la”, Vermelhosa! - sorri, saboreando aquele momento como se fosse um enorme pote de sorvete, no dia mais quente do verão - O de cor preta não virá, porque simplesmente ele fugiu!

- Fugiu?

“Os Lápis” não conseguem acreditar no que ouviram. Sir Borrarento abre passagem, resmungando.

- Não é possível... ai minhas costas...isso não é verdade!

- Não pode ser, seu “monstro”! O que você fez com ele?

Énegra gritando desse jeito com Azulis? As coisas mudaram mesmo neste Reino, antes ela não tinha coragem nem de olhar para ele!

- Monstro, eu? Como pode pensar isso de mim, “Marquesa”? Ele simplesmente teve medo de encarar a responsabilidade e fugiu...

- E como você sabe disso, seu “monstro”... digo... papai?? – Príncipe Grafiteê olha para ele desconfiado.

- Porque ele mesmo veio me procurar, disse que tinha medo de não saber governar o Reino do Estojo, sabe que com sua cor não terá competência, mas... - faz suspense, todos prendem a respiração - ...antes de fugir, se borrando de medo, pediu, isto é, implorou que eu reassumissem meu lugar de direito, sendo assim, apesar de estar muito magoado com vocês que me desprezaram, eu concordo em assumir novamente a coroa e perdoo a todos, para provar que sou um bom Rei...

Marquês Alvinho bate palmas feliz, saltitante.

- Bravo! O senhor é um gênio, majestade, um gênio!

- Obrigado! Seu Rei agradece tanta dedicação, meu ilustre Conselheiro Real!

- Ainda não “querido”, ainda não!

Todos olham assustados para onde veio aquela voz, sempre tímida, suave e melodiosa. Só que naquele momento demonstra tanta energia, tanta firmeza e tanta autoridade, que todos tremeram, inclusive Azulis e devo confessar, inclusive eu!

- Como assim, Vermelhosa? Ainda não por que?

- Se só “deus” pode lhe tirar a coroa, só “ele” poderá lhe dar de volta!

- Mas é claro que “ele” irá me devolver o reinado!

- Pode ser, mas, até que isso ocorra, conforme está na lei, quem manda na ausência do Rei?

“Os Lápis” pulando de alegria, respondem.

- A Rainha, é claro!

Azulis tenta mudar a situação, por essa ele não esperava, quem poderia imaginar aquela atitude da Rainha?

- Vermelhosa, logo “deus” estará aqui!

- Pode ser, mas como Rainha, assumo temporariamente o trono do Reino do Estojo!

- Você está louca, Vermelhosa? Quem pensa que é? Você é uma simples canetinha vermelha, é minha esposa e me deve obediência, quem manda aqui sou eu! Entendeu sua tonta? Então, o que tem a dizer agora?

Todos olham penalizados para ela. Pobre Rainha Vermelhosa, sempre tendo que obedecer calada o cruel tirano que é seu marido. Ela abaixa a cabeça,

envergonhada, humilhada, vai até o seu trono, submissa. Antes de sentar, para, fica por uns instantes pensativa, enxuga uma lagrima, olha para todos.

Ali estão todos os seus amigos, seus amados filhos, seus amados súditos, que novamente terão que suportar a maldade e os caprichos de Azulis, e isso logo agora que tudo parecia que ia mudar! Oh, Rei Negro! Por que fugiu? Por que nos abandonou? Tudo aquilo passava pelo seu pensamento naquele triste momento de sua vida. Olha para Ênegra e Verdose, sabe que eles serão os primeiros a sofrer a vingança de Azulis, não, ela não acredita em sua bondade, no seu perdão, quem irá protegê-los agora? Novamente ela ameaça sentar no trono, olha para o trono do Rei e suspira fundo, se enche de coragem e em vez do seu, senta-se no lugar do Rei.

- “Lápis”, levem todos para o Estojo, menos o Conselheiro Real Verdose e Sir Borrarento!

Azulis ameaça ir em sua direção.

- Espere, você não pode...

- “Lápis” o que vocês estão esperando?

Nem precisou gritar, “Os Lápis” seguram Azulis pelos braços e o arrastam para o Estojo.

- Você vai se arrepender! – grita Azulis – vou arrumar uma caneta verde para ser a nova Rainha, você vai ver...

Ela olha para a Princesa Eternita, para o Príncipe Grafiteê, para Marquês Alvinho e para Condessa Retilínea.

- Eu falei todos...

Princesa Eternita ameaça abrir a boca, mas quando vê o olhar da mãe, é a primeira a correr para o Estojo, seguida pelos outros, a indignação dos justos é mais contundente do que qualquer bravata do mal. Sir Verdose vai até a Rainha e sussurra algo em seu ouvido.

- Esperem! – ordena a Rainha – Marquês Alvinho, fique aqui também...

- Eu, Majestade?

Olha com medo para dentro do Estojo onde está Azulis, este põe a cabeça para fora e quando vai falar, Rainha Vermelha se adianta.

- Você mesmo!! E fechem logo essa tampa!

A tampa fecha rapidamente, os três olham para o Marquês, que se encolhe de medo, tentando ainda disfarçar.

- Oi gente! Posso ajudar em alguma coisa?

- Estranho você não acha, Alvinho? – Rainha Vermelha começa mansamente  
- o Rei Negro sempre tão corajoso, tão justo e bondoso, ter fugido assim, de repente!  
Sir Borrarento chega mais perto dele, anda a sua volta.

- E logo agora que “deus” o escolheu para Rei, algo com que sempre sonhou!



Sir Verdose olha-o bem nos olhos, Marquês Alvinho treme da cabeça aos pés.

- E ainda por cima foi embora se “borrando” de medo!

- Eu...eu...não sei...os de cor preta são assim mesmo...

Rainha Vermelhosa olha penalizada para aquele rapaz. Sabe que no fundo ele não é mau, apenas ama Azulis como a um deus.

- Os de cor preta são assim como, Alvinho?

- Ah...sei lá...Rei Azulis sempre diz que eles são inferiores...

Sir Borrarento, que não é tão compreensivo e paciente como a Rainha, bufa, resmungando.

- E se Rei Azulis disser que você é um cavalo, você irá começar a relinchar e a dar coices!

- Se ele disser é que provavelmente devo ser um, o Rei tem sempre razão!

Rainha Vermelhosa fica espantada com tamanha obediência, bem cega, mas obediência, que beira a veneração.

- Marquês Alvinho, todo mundo pode errar, até mesmo um Rei, você tem que ter opinião própria, saber ver por si mesmo, o que é certo ou que é errado...

- Marquês Alvinho... - Verdose sorri -...se você pensa assim dos de cor preta, porque ajudou a salvar o Príncipe Negro quando ele quase secou?

Rainha Vermelhosa se assusta, ela não sabe do sufoco que nossos amigos passaram para salvar o, então, Príncipe Negro.

- O Príncipe Negro quase secou?

- É... quase...- Sir Verdose chega mais perto de Alvinho - ... “sem querer” caiu uma gotinha de corretivo no seu bico, e uma noite antes da Vistoria Oficial, mas conseguimos salvá-lo, não foi mesmo “Marquês”?

- Eu...eu...

- Sem querer, querendo, não foi isso “Marquês”? - Sir Borrarento também chega mais perto.

- Eu...eu...

- Você não teve coragem de fazer isso com o Príncipe? É um dos crimes mais graves do Reino do Estojo! - Rainha Vermelhosa olha-o penalizada.

- Eu...eu...

Sir Borrarento não consegue mais se conter.

- Você, seu “palerma”! Você que sabotou o nosso Príncipe! Temos provas e vamos condená-lo ao abismo!

Marquês Alvinho está nervoso, pressionado, assustado, afinal, como diz o ditado, quem deve, teme.

- Abismo? Mas eu sou um nobre, só “deus” pode me condenar!

A tampa do Estojo está se abrindo lentamente, todos, assustados com os gritos do Marquês Alvinho vão saindo em silêncio, Azulis também.

- Nada irá acontecer comigo! – Marquês Alvinho os olha altivo! Corajoso esse rapaz, mesmo descoberto, não dá o braço a torcer. Deve confiar é claro na proteção de alguém – Logo, Rei Azulis irá reassumir seu lugar e serei o Conselheiro Real outra vez, e vocês nada poderão fazer contra mim...

- Você está esquecendo um pequeno detalhe, Marquês Alvinho – Rainha Vermelha sorri – E se o Rei Negro voltar? Ou você acredita mesmo que ele tenha fugido?

- Ele não vai voltar! – Marquês Alvinho grita, está totalmente descontrolado - Nós o prendemos muito bem...

- O que você disse? – Sir Verdoso o segura pela gola – Vocês quem, prenderam o Rei Negro? E onde?

- CALE-SE, IMBECIL!

Desta vez não foi um trovão, mas um verdadeiro terremoto, até o chão tremeu. Azulis vai até onde eles estão, todos os outros se aproximam curiosos, falando ao mesmo tempo, ninguém quer acreditar no que estava acontecendo. Sir Verdoso não se intimida com Azulis e enfrenta-o.

- Eu sabia! Vocês o sequestraram! Onde ele está?

Sir Borrarento puxa Marquês Alvinho pela orelha, como uma criança mal-educada.

- Vamos “branquelo”, abra logo esta tampa e diga tudo que sabe...

Marquês Alvinho está com muito medo, todos o olham, “Os Lápis”, os nobres, a Rainha.

- Foi o Rei Azulis! Foi ele que planejou tudo, tínhamos que proteger o Reino, Príncipe Negro planejava um golpe de Estojo!

- O Príncipe Negro, desde o começo, queria dar um golpe de Estojo?

Rainha Vermelha espanta-se.

- Ele nunca seria capaz de fazer isso!

- Quem contou esta estória para você, Alvinho?

- Foi ele, Sir Borrarento, foi o Rei Azulis...

- Ohhhhhh!!! – “Os Lápis” estão horrorizados.

- “Papi”! Você teve coragem de inventar esta mentira?

- Mentira, Príncipe Grafiteê? – Marquês Alvinho ainda tenta defender seu amado Rei – Não pode ser, um Rei nunca mente!

Pobre Alvinho! Tão ingênuo, tão fiel a uma pessoa que nunca gostou dele de verdade, ou melhor, nunca gostou de ninguém além dele mesmo. A Rainha Vermelha vai até ele, põe a mão carinhosamente em seu ombro.

- Um Rei nunca deveria mentir, assim com qualquer pessoa, mas infelizmente, Alvinho, “este” mente...

- Não, não é possível! – ele corre até Azulis e se ajoelha - Diga que não é verdade meu Rei, o senhor é o Rei, o senhor não pode mentir, o senhor é perfeito!

- Coitadinho! – “Os Lápis” morrem de pena de seu companheiro. A Rainha enxuga uma lágrima, realmente é triste vermos que nossos ídolos não são tão perfeitos quanto imaginávamos.

- Perfeito, Alvinho, só “deus”...

Marquês Alvinho não se conforma.

- Não! O meu Rei é perfeito! Diga a eles majestade, diga a eles...

- Sim, eu sou perfeito!! – Azulis empurra Marquês Alvinho que rola pelo chão, Sir Verdose ajuda-o a levantar – Sou perfeito sim! Sou o verdadeiro Rei, tenho sangue azul! Tudo que disseram é verdade, Alvinho, eu tentei “secar” aquele inútil de cor preta, mas eu menti, ele nunca teria coragem, como eu, de dar um golpe, de tomar o poder pela força! Eu sumi com ele, eu sou o maior, EU SOU O REI AZULIS!

Todos estão chocados com aquela confissão.

- Azulis, ele é seu irmão!

- Ora, Vermelhosa, não me faça rir! Ele é meu irmão por uma falha do destino, ele não presta para nada! Eu sim sou superior, sou perfeito! – Azulis está totalmente descontrolado, fala alto, anda de um lado para o outro, como um leão, preso na jaula – Ninguém tem o meu poder, sou superior a tudo e a todos, eu escrevo a história!

- Superior até mesmo a “deus”?

- Sim, Vermelhosa, sou superior até mesmo a “deus”!

- Ohhhh!!! – “Os Lápis” olham para ele com os olhos arregalados.

- Pirou de vez! – Sir Verdose não acredita no que ouve - Depois eu que sou o bêbado!

- E agora que sumi com aquele imprestável – Azulis está cada vez mais exaltado - “deus” não terá outra alternativa, será obrigado a me devolver à coroa...

Príncipe Grafiteê chega perto de seu pai, tenta ajudá-lo.

- Papai, você não pode, pare com isso enquanto é tempo!

- Posso e devo – começa a andar alucinado entre todos, cada vez mais nervoso - tenho o povo do meu lado!

- Mas não mesmo! – “Os Lápis” balançam a cabeça negativamente juntinhos.

- Isso não importa, é só o povo, os nobres me darão razão, não é mesmo Marquês Alvinho?

Todos olham para ele, é claro que ele dará razão ao seu Rei...será mesmo?

- Antes eu daria todo o meu líquido pelo senhor, mas agora não, não posso apoiar mentiras, ainda mais de um Rei...

- Seu covarde! Você não entende? Temos que fazer tudo para terminarmos com “eles”, os de cor preta, não é mesmo Condessa Retilínea?

- Eu também pensava assim, mas vejo que a cor não importa, o Príncipe Negro nunca seria capaz de fazer o que o senhor, de sangue azul, fez! – vira-lhe as costas com desprezo.

- Você é igual a eles sua “magrela numerada”!

Alucinado, corre até onde está sua filha, segura suas mãos.

- Só você me entende minha querida filha, diga, diga para esta gente que somos superiores, que somos melhores que todos eles!

Ela passa a mão carinhosamente no rosto do seu pai e lhe dá um beijo.

- Papai, mesmo que não gostemos deles, temos que respeitar as leis do nosso reino e, principalmente, a vontade de “deus”! Se “ele” assim o quis, é porque teve seus motivos, podemos até não gostar de sua decisão, mas temos que respeitá-la! Vamos dar uma chance para que eles mostrem que são capazes e que nós estamos errados! Por favor, por mim, liberte o titio e devolva a coroa que é dele por direito, tenho certeza que ele e que todos, irão perdoá-lo...

Geralmente é assim, sempre que estamos confusos, desorientados, prestes a tomar uma decisão importante, ou prestes a perder algo por estarmos no caminho errado, surge um último apelo, de algum lugar, para que pensemos melhor no que estamos fazendo, para poderemos parar, pensar e reavaliar como estamos agindo. Para Azulis ele veio através do amor de sua filha, resta agora saber se ele irá ouvi-la e recuar a tempo. Assim eu e os outros esperamos, mas...

- Perdão? Eu não preciso do perdão de ninguém! – afasta-se da filha e olha para todos - Eu não preciso nada dessa “escória”, sou Rei Azulis e sempre serei!

Sir Verdose nem dá bola para ele.

- Vai sonhando com isso seu “goiaba”... – vai até Marquês Alvinho e o puxa pela manga - vamos “branquelo”, me leve até onde está o Rei Negro, e agora, antes que eu te esvazie todinho!

- Pode deixar, eu levo, ele agora é o nosso Rei, ele está na mochila, no bolso da bagunça...

- Nããããão!

Azulis grita no auge da raiva e do desespero por ver tudo perdido. Corre até o Estojo, e retorna com um alfinete, girando em torno de si, afastando a todos, como um espadachim, ou no caso um “alfinechim”.

- Para trás todos vocês! Traidores! Ninguém ira libertá-lo, logo “deus” estará de volta e será tarde demais. Terei a coroa de volta e acabarei com todos vocês!

“Os Lápis” se abraçam assustados.

- Está louco!!!

- Azulis, por favor! – Rainha Vermelha nervosa.
- Papai, abaixe esta espada! – Princesa Eterna nervosa.
- Tenha calma, “papi” tudo vai se resolver! Príncipe Grafiteê nervoso.

Rei Azulis pare com isso! Eu nervoso!

- Não, seus traidores, todos vocês, vou acabar com todos, farei “deus” jogá-los no abismo, eu terei novos súditos, eu sou o maior...

Antes que ele continue com essa nossa crise da famosa doença, “eu sou o máximo”, ouve-se um barulho e passos apressados, não acredito, É ELE! Rei Negro em carne e osso, digo, em plástico e tinta!

Ele para bem em frente a Azulis, e o encara desafiador.

- Conseguiu fugir, pretinho? Não importa! Agora nada importa, vou acabar com você de um jeito ou de outro!

- Não!!! – “Os Lápis” gritam apavorados

- Pare, Rei Azulis! – Sir Desapontado grita, também apavorado.

- Rei? Agora me chama de rei? Ninguém irá me impedir, ninguém...- avança em direção ao Rei Negro, que continua imóvel, olhando corajosamente para Azulis – Não tem medo seu inútil de cor preta? Deveria ter, vou “secá-lo” e se “deus” trouxer outro, “seco” ele também...e outro...e outro...

Balança a espada como um alucinado, cada vez mais nervoso, cada vez mais perto do Rei Negro, seus olhos brilham cruéis, suas veias azuis parecem que vão saltar de tanta raiva.

- Papai!! – grita a Princesa Eterna – sua ponta!

Ele põe a mão na ponta e percebe que está cheia de tinta.

- Não, agora não, sou o Rei, sempre serei o Rei, sou eterno!

Ergue a espada para acertar Rei Negro, que o olha penalizado, afinal é seu irmão, por que ele é assim? Tudo poderia ter sido tão diferente. Azulis cambaleia, a espada cai no chão, se apoia no Rei Negro, seus olhos se cruzam, Azulis cai ajoelhado no chão.

- Eu serei sempre o Rei...sempre...

Cai e fica imóvel, o silêncio é total. Sir Verdose vai até ele, o examina, olha para todos e dá de ombros.

- Estourou!

- Ufffa! – aliviados “Os Lápis”

Sir Borrarento, esquecendo seu natural mau-humor quebra o silêncio.

- Viva o novo rei! Viva Rei Negro!

- Viva!!! – todos gritam e dessa vez são todos, mesmo.

“Os Lápis”, como fazem quando ocorre algo assim no Reino, carregam Rei Azulis “estourado”, até o abismo, retornando logo depois.

- E agora?? “deus” trará outro azul e se escolhê-lo como Rei?

- Temos que evitar! – grita Sir Desapontado

- Acabamos com ele! – resmungo Sir Borrarento

- Sim, acabamos com ele! – fazem coro “Os lápis”

Rei Negro vai até a frente do trono chamando atenção de todos.

- Será que vocês não entenderam nada do que aconteceu aqui? Somos então iguais a Azulis? Mesmo que “deus” traga outro azul, e ele se torne Rei, quem garante que será igual a ele? Poderá ser bondoso, respeitar a todos nós, não é a cor que importa e sim como ele será! Alguns azuis são bons e outros ruins, verdes, amarelos ou roxos! Algumas borrachas reclamam de tudo e outras não!

- E como reclama! - exclamam felizes “OsLapis”

Todos riem, a Princesa Eternita chega perto do Rei Negro e pergunta suavemente.

- O que faremos então, meu Rei?

Ele lhe dá um longo abraço e a beija na testa. A paz finalmente chegou ao Reino do Estojo.

- Até que enfim! – são os intrometidos “Os Lápis”

Rei Negro de mãos dadas com sua sobrinha, olha para todos, confiante.

- Esperar, minha querida, esperar a decisão de “deus” e respeitá-la, como deve ser, só assim viveremos em paz!

Condessa Retilínea, estridentemente, mas, feliz, complementa.

- Viva o nosso rei! – todos a olham, surpresos - Vamos lá gente, eu também mereço uma nova chance!

- Eu também... – Marquês Alvinho sorri timidamente

- E terão! – Rei Negro olha para todos – Todos juntos faremos deste o melhor Estojo do mundo! Só vai depender de nós. Que cada um faça a sua parte e com certeza venceremos! Vamos, logo “deus” virá nos buscar e temos que estar prontos, como sempre, “ele” precisa de nós, como nós precisamos “dele” para viver!

Todos se abraçam e caminham felizes para o Estojo, cada um no seu lugar, confiantes, felizes, a tampa começa a se fechar, o silêncio é total. Passa-se um tempinho e ela volta a se abrir. Só vejo a cabeça de Sir Verdose para fora, ele olha para os lados e vai saindo lentamente. Quando dá o primeiro passo, ouve-se aquele conhecido coro, “Os Lápis”, como sempre, estão atentos com o que acontece no Reino, como deve ser o povo.

- Verdooooose, onde você vaaaaai???

Ele para indeciso, envergonhado.

- Eu só ia até ali, só tomar...tomar...tomar...

- Tomar o que?

- Vergonha, tomar vergonha na cara! É o que mais preciso! - olha para mim, sorri e dá de ombros - Fazer o que?

Volta para o Estojo, a tampa se fecha, a história termina e eu vou embora, conhecer novos Reinos, aprender novas lições. Pode deixar, não vou esquecer de vocês, depois eu conto tudo o que eu vir por aí, tudinho...

**Fim**